

DAVI KOPENAWA E BRUCE ALBERT

A queda do céu

Palavras de um xamã yanomami

Tradução

Beatriz Perrone-Moisés

Prefácio

Eduardo Viveiros de Castro



A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.



Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2011 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien de l'ambassade de France au Brésil.

Este livro, publicado no âmbito do programa de apoio à publicação 2011 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio da Embaixada da França no Brasil.



Edição apoiada pelo Goethe-Institut no âmbito do projeto "Amazônia — Teatro música em três partes".

Gráfica atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La Chute du ciel: Paroles d'un chamaman yanomami

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa
Sem título, da série Identidade, Claudia Andujar, 1976. Técnica fotografia: gelatina de prata sobre papel Ilford Multigrade peso duplo com banho de selênio. Cortesia Galeria Vermelho

Preparação
Ana Cecília Agua de Melo

Índices
Luciano Marchiori

Revisão
Jane Pessoa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kopenawa, Albert, Bruce, Davi
A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami / Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: La Chute du ciel : Paroles d'un chamaman yanomami.
ISBN 978-85-359-2620-0

1. Índios da América do Sul 2. Índios Yanomami — Brasil
Biografia 3. Índios Yanomami — Brasil — Século 20 4. Kopenawa, Davi 5. Xamanismo — Brasil — Século 20 6. Xamãs — Brasil — Biografia I. Albert, Bruce. II. Título.

CDD-980.41

15-05316

Índice para catálogo sistemático:
I. Xamanismo Yanomami. : Povos indígenas : Cultura : América do Sul 980.41

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

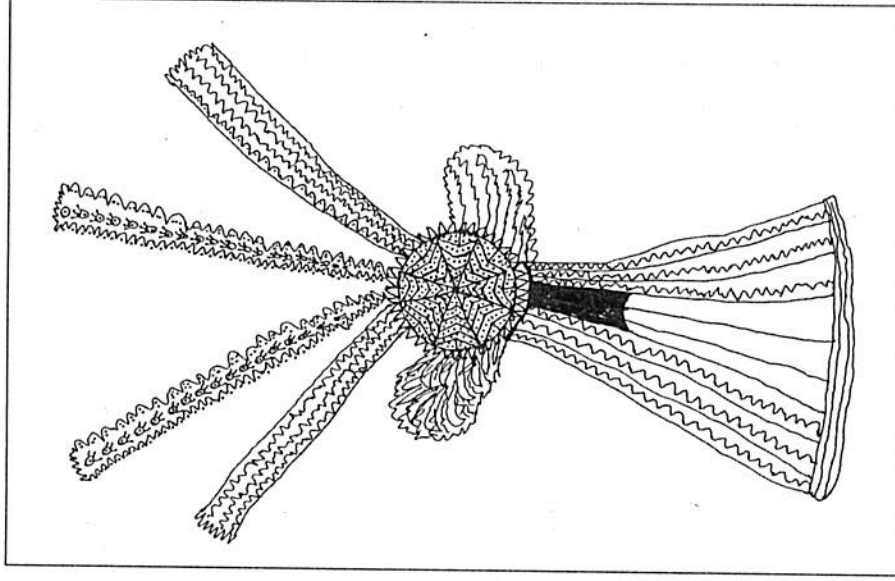
www.blogdacompanhia.com.br

[...] Antes mesmo da chegada dos brancos, a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado: dois pedaços de humanidade, oriundos da mesma criação, se juntavam, para o bem e para o mal. Essa solidariedade de origem se transforma, de modo comovente, em solidariedade de destino, na boca das vítimas mais recentes da conquista, cujo extermínio prossegue, neste exato momento, diante de nós. O xamã yanomami — cujo testemunho pode ser lido adiante — não dissocia a sina de seu povo da do restante da humanidade. Não são apenas os índios, mas também os brancos, que estão ameaçados pela cobiça de ouro e pelas epidemias introduzidas por estes últimos. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe, a não ser que se comprenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um. Lutando desesperadamente para preservar suas crenças e ritos, o xamã yanomami pensa trabalhar para o bem de todos, inclusive seus mais cruéis inimigos. Formulada nos termos de uma metafísica que não é a nossa, essa concepção da solidariedade e da diversidade humanas, e de sua implicação mútua, impressiona pela grandezça. É emblemático que caiba a um dos últimos porta-vozes de uma sociedade em vias de extinção, como tantas outras, por nos sua causa, anunciar os princípios de uma sabedoria da qual também depende — e somos ainda muito poucos a compreendê-lo — nossa própria sobrevivência.

Claude Lévi-Strauss (1993, p. 7).

assim, os fantasmas saudosos logo levariam todos os parentes consigo para as costas do céu e os humanos não parariam de morrer, um depois do outro, depressa demais. Não seria boa coisa! Os fantasmas, ao contrário de nós, vivem por muito tempo. Mas, mesmo assim, até eles acabam morrendo. Então, depois de virarem seres mosca e urubu, vão morar ainda mais longe nas alturas, de baixo de um céu novo, ainda jovem e transparente, que está acima desse cujo peito avistamos da terra.

8. O céu e a floresta



Espelhos e caminhos dos espíritos.

Quando, às vezes, o peito do céu emite ruídos ameaçadores, mulheres e crianças gemem e choram de medo. Não é sem motivo! Todos tememos ser esmagados pela queda do céu, como nossos ancestrais no primeiro tempo. Lembro-me ainda de uma vez em que isso quase aconteceu conosco. Eu era jovem na época.¹ Estávamos acampados na floresta, perto de um braço do rio Mapulau. Tínhamos saído, com alguns homens mais velhos, à procura de uma moça do rio *Uxi u* que tinha sido levada por um visitante de uma casa das terras altas, a montante do rio Toototobi. Anoiécia. Não havia nenhum ruído de trovão, nenhum raio no céu. Tudo estava em silêncio. Não chovia, e não se sentia nenhum sopro de vento. No entanto, de repente, ouvimos vários estalos no peito do céu. Foram se sucedendo, cada vez mais violentos, e pareciam bem próximos. Era mesmo muito assustador!

Aos poucos, todos se puseram a gritar e soluçar de pavor no acampamento: “*Aéi! O céu está despencando! Vamos todos morrer! Aéi!*”. Eu também tinha medo. Ainda não havia me tornado xamã, e perguntava a mim mesmo, muito inquieto: “O que vai acontecer conosco? Será que o céu vai mesmo cair em cima de nós? Vamos todos ser arremessados para o mundo subterrâneo?”. Naquela época, ainda havia grandes xamãs entre nós, pois muitos de nossos maiores ainda estavam vivos. Então, vários deles começaram a trabalhar juntos para segurar a abóbada celeste. No tempo antigo, seus pais e avós haviam ensinado esse trabalho a eles, que por isso foram capazes de impedir mais essa queda. Assim, depois de algum tempo tudo se acalmou. Mas estou certo de que, uma vez mais, o céu tinha mesmo ameaçado se quebrar acima de nós. Sei que isso já ocorreu, muito longe da nossa floresta, lá onde a abóbada celeste se aproxima das bordas da terra. Os habitantes dessas regiões distantes foram exterminados, porque não souberam segurar o céu. Mas aqui onde vivemos ele é muito alto e mais sólido. Acho que é porque moramos no centro da vastidão da terra.² Um dia, porém, daqui a muito tempo, talvez acabe mesmo despendendo em cima de nós. Mas enquanto houver xamãs vivos para segurá-lo, isso não vai acontecer. Ele vai só balançar e estalar muito, mas não vai quebrar.³ É o meu pensamento.

Todos os seres que moram na floresta têm medo de ser eliminados pela imensidão do céu, até os espíritos. É isso, finalmente, que a gente de nossas

casas receia, é isso que a faz chorar. Todos bem sabem que o céu já caiu sobre os antigos, há muito tempo. Conheço um pouco dessas palavras a respeito da queda do céu. Escutei-as da boca dos homens mais velhos, quando era criança. Foi assim. No início, o céu ainda era novo e frágil. A floresta era recém-chegada à existência e tudo nela retornava facilmente ao caos. Moravam nela outras gentes, criadas antes de nós, que desapareceram. Era o primeiro tempo, no qual os ancestrais foram pouco a pouco virando animais de caça. E quando o centro do céu finalmente despencou, vários deles foram arremessados para o mundo subterrâneo. Lá se tornaram os *aōpatari*, ancestrais vorazes de dentes afiados que devoraram todos os restos de doença que os xamãs jogam para eles, embaixo da terra. Continuam morando lá, junto do ser do vendaval, *Yariporari*, e do ser do caos, *Xiwāripo*. Vivem ali também na companhia de seres queixadas, vespas e vermes tornados outros.

As costas desse céu que caiu no primeiro tempo tornaram-se a floresta em que vivemos, o chão no qual pisamos. Por esse motivo chamamos a floresta *wāno patarina mosi*, o velho céu, e os xamãs também a chamam *hutukara*, que é mais um nome desse antigo nível celeste. Depois, um outro céu desceu e se fixou acima da terra, substituindo o que tinha desabado. Foi *Omama* que fez o projeto, como dizem os brancos. Pensou no melhor modo de torná-lo sólido e introduziu em todo o céu varas de seu metal, que enfiou também na terra, como se fossem raízes.⁴ Por isso, este novo céu é mais sólido do que o anterior, e não vai desmanchar com tanta facilidade. Nossos xamãs mais antigos sabem tudo isso. Sempre que o céu começa a tremer e ameaça arrebentar, enviam sem demora seus *xapiri* para reforçá-lo. Sem isso, o céu já teria desabado de novo há muito tempo!

A gente do primeiro tempo não era tão sabida. Mas se esforçaram muito tentando impedir a queda do primeiro céu. Transtornados de medo, cortaram estacas frágeis demais, na madeira mole e nos troncos esburacados das árvores *tokori* e *kahu usihi*. A maior parte desses ancestrais foi esmagada ou lançada para debaixo da terra, a não ser num lugar, onde o céu se apoiou num cacauero, que vergou sob o peso mas não quebrou. Isso foi no centro de nossa floresta, onde estão as colinas que chamamos *horrepē a*.⁵ Um papagaio *werehe* foi mordiscando o retalho de céu preso no cacauero e aos poucos abriu nele um buraco, por onde essas gentes do primeiro tempo conseguiram escapar. No final, saíram na floresta das costas do céu, onde continuaram vivendo. Os xa-

mãs chamam-nos *hutu mosi horiepè t'eri pè*, a gente que saiu do céu. Mas esses ancestrais acabaram desaparecendo. Viraram outros e foram levados pelas águas, ou foram queimados quando a floresta toda se incendiou, há muito tempo.⁶ Isso é o que sei. Viemos à existência depois deles, e foi nossa vez de existir e aumentar. De modo que somos os fantasmas da gente que saiu do céu.

Quando um xamã muito velho fica doente por um longo período e acaba se extinguindo por si só, seus *xapiri*, em silêncio, vão aos poucos deixando sua casa de espíritos. Abandonada, ela começa a desabar. Não acontece nada além disso. Por outro lado, se um xamã ainda jovem tiver uma morte violenta, flechado por guerreiros ou comido por feiticeiros inimigos, seus espíritos ficam enfurecidos. O céu escurece e chove sem parar. A ventania bate com força nas árvores da floresta, os seres trovão berram com violência, enquanto os seres raio explodem com estrondo. A chuva não para e os espíritos do céu despejam incontáveis cobras sobre a terra. Os espelhos dos espíritos onça se despregam e essas feras começam a rondar por toda a floresta. Tudo isso acontece quando morre um xamã que tinha uma casa de espíritos muito alta.⁷ Então seus *xapiri* ficam furiosos por terem ficado órfãos, e querem quebrar o céu por vingança. Os espíritos dos pica-paus *ëxama* e *xot'et'ma*, e depois os dos pássaros *yókíhima usi*, golpeiam o peito dele com toda a força de seus machados e facões afiados. Pedações inteiras da abóbada celeste começam a quebrar, com estrondos tão fortes que até os xamãs sobreviventes ficam apavorados!⁸ Então eles devem despachar depressa seus próprios espíritos, para consertá-la e conter a fúria dos *xapiri* órfãos.

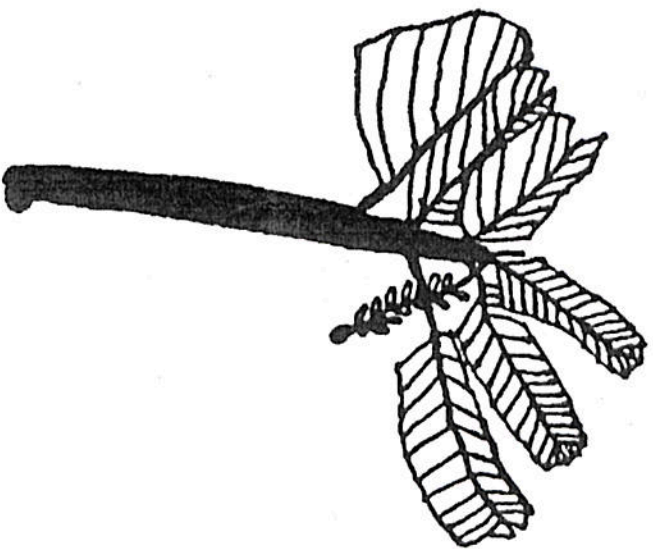
O céu se move, é sempre instável. O centro ainda está firme, mas as beiradas já estão bastante gastas, ficaram frágeis. Ele se torce e balança, com estesos aterrorizantes. Os pés que o sustentam nos confins da terra tremem tanto que até os *xapiri* ficam apreensivos! Um deles, porém, o espírito macaco-aranha, mostra ser de todos o mais corajoso. Vindo de muito longe, ele é sempre o primeiro a segurar os pedaços de céu que se desgarram e a tentar reforçá-lo. Não é um macaco da floresta, é um ser celeste, um espírito antigo e poderoso de mãos muito habilidosas. Ele no entanto não conseguiria fazer esses consertos sozinho. Muitos outros espíritos o auxiliam, como os do macaco-da-noite, do jupará, da irara *hoari* e do esquilo *wayapaxi*. Mas ele também chama como

reforço os espíritos celestes *hutukari*, os espíritos raio *yápirari* e os espíritos trovão *yárimari*.

Todos esses *xapiri* chegam em grande número. Arrancam os machados e facões das mãos dos espíritos órfãos enfurecidos. Abraçam-nos, fazem com que se agachem e procuram acalmá-los. Depois, juntando forças, procuram impedir que o céu danificado desabe. Os espíritos preguiça atiram varetas de metal com suas espingardas, para preencher as brechas. Os espíritos formiga *ahórómia asi* despejam visgo nas rachaduras para vedá-las. Então, os estalos vão parando aos poucos. No fim, quando o silêncio retorna à floresta, a gente de nossas casas — e até quem costuma duvidar dos xamãs — diz a si mesma: “Não é mentira! Eles viram espíritos mesmo e sabem conter a queda do céu!”. Nossos ancestrais sabem fazer esse trabalho desde o primeiro tempo. Se não o tivessem feito, a abóbada celeste já teria despencado sobre nós há muito tempo. Mas apesar de todos esses esforços o céu continua instável e frágil, à mercê dos espíritos dos xamãs mortos que sempre querem recortá-lo.

Os *xapiri* também trabalham sem descanso para impedir a floresta de retornar ao caos. Quando a chuva cai sem parar e o céu fica coberto de nuvens baixas e escuras durante dias, a um dado momento, não aguentamos mais. Ficamos sem poder caçar nem abrir roças novas para plantar bananeiras. Temos pena de nossas mulheres e crianças, que ficam com fome de carne de caça. Ficamos cansados da umidade e também temos vontade de comer peixe.⁹ Então, acabamos pedindo ajuda aos xamãs mais antigos, conhecedores do ser da chuva *Maari*, para que o convençam a parar. Então, logo bebem *yákoana* e comem a trabalhar. Seus espíritos limpam o peito do céu, e depois vão chamar o ser sol *Mot'okari* e *Omoari*, o do tempo seco. Depois, viram a chave das águas de chuva e trazem de volta a claridade do céu. Quando eu era criança, muitas vezes vi meu sogro trabalhar assim para fazer a chuva recuar e alegrar a floresta. Chamamos isso de fazer *payënuu*.

Durante o tempo da cheia, as filhas e filhos do ser da chuva, *Maari*, e do tempo encoberto, *Ruéri*, dançam alegremente acima da floresta, agitando folhas novas de palmeira *hoko si*, como os convidados durante a dança de apresentação. Se as palmas estiverem muito úmidas, a chuva não acaba mais! Então, os espíritos das cigarras *rórókona*, *kutemo*, *kreemo* e *táitáima*, bem como os dos



japins *kori*, *ixaro* e *napore*, têm de pegá-las e levanta-las para perto do calor do sol. Enquanto as sacerdem para secá-las, começa a soprar uma brisa. É o vento de verão, que chamamos *iproko*. Todos esses *xapiri* são as filhas e genros do ser do tempo seco, *Omoari*. Por isso sabem fazer esse trabalho tão bem. Mas, para que o aguaceiro termine mesmo, ainda é preciso que os espíritos do pica-pau *ëxama* e do lagarto *roha* levantem o pênis do ser da chuva e o amarrem em torno de sua cintura.¹⁰ A outros *xapiri* caberá, em seguida, deitá-lo na rede e lhe oferecer tabaco para aplacar sua ira. Depois, com muito cuidado, devem tirar de sua cabeça o grande cocar de plumas úmidas, para pô-lo a secar também. É assim que a luz do sol e o calor podem enfim voltar à floresta. A estação seca se instala e as águas começam a baixar. Os brancos não conhecem as imagens do ser da chuva e de seus filhos. Com certeza acham que a chuva cai do céu à toa! Eu, ao contrário, as contemplei muitas vezes em meu sonho, do mesmo modo que meus maiores as viram antes de mim. Assim é. As palavras da gente da floresta são outras.

A estiagem tampouco pode voltar enquanto as filhas de *Motu uri*, o ser das águas subterrâneas, continuarem brincando eufóricas nos rios. Os xamãs então

devem enviar seus espíritos para acabar com suas brincadeiras e levá-las de volta para o seco. São os espíritos das cigarras e borboletas que se encarregam disso, em companhia da mulher, das filhas e das noras do ser sol *Mot^hókari*. Depois, o espírito do fogo celeste *T^horumari* ainda tem de flechar o próprio *Motu uri*, puxá-lo pelos braços e queimá-lo.¹¹ Por último, o espírito do pássaro *kōromari* perfura o solo com sua barra de ferro, para que as águas escorram para debaixo da terra; só então o nível dos rios começa a baixar. Mas, para fazer cessar a chuva e a cheia, os *xapiri* também podem lidar com a árvore da chuva, *Maa hi*. É gigantesca, e de suas folhas escorre água o tempo todo. Os xamãs antigos a conhecem bem; meu sogro me contou que cresce nos confins da terra e do céu. É a morada dos seres da noite *titiri* e dos seres minhoca *horomari*.

Quando a árvore *Maa hi* floresce, começa a chover na floresta e as águas dos rios sobem. Para fazê-la parar de escorrer, os espíritos dos japins *napore* e dos macacos guariba devem sacudir sua ramagem com força para fazer cair as flores. Depois, os espíritos arara devem cortar os seus galhos, auxiliados pelo espírito anta, que os acompanha com sua grande canoa. Quando isso ocorre, a árvore da chuva é rodeada de calor e ouvem-se as cigarras. Os espíritos genro do ser do tempo seco vão buscar o sogro e, para chamá-lo de volta à floresta, entoam com ele um diálogo de convite *hiinnuu*. Recolhem para ele os peixes mortos dos igarapés, que vão secando. Ao final, ele concorda em começar a voltar do lugar distante em que tinha se refugiado. Assim é. *Omoari*, o ser da seca, não responde nem aos espíritos das folhas e das árvores nem aos ancestrais animais. Se os *xapiri* que conhece não fossem buscá-lo, ele não viria por conta própria. Então, a umidade e a escuridão tomariam toda a floresta para sempre e, com o tempo, ela acabaria retornando ao caos.

Quando querem acabar com a gritaria dos seres trovão, os *xapiri* vão à casa deles, nas costas do céu. Agacham-se perto deles e os repreendem: "Sua voz nos incomoda! O que vocês estão fazendo? Por que não ficam calados?". Os trovões, furiosos, logo ameaçam golpeá-los. Porém, para aquietá-los e demonstrar amizade, os espíritos se deitam em suas redes, como se faz com um cunhado.¹² Oferecem-lhes alimento e tabaco. Às vezes, também sopram um pouco de pó de *yákoana* em suas narinas, para acalmá-los. Assim, aos poucos, os trovões

acabam se calando. Se não fosse isso, o estrondo da tempestade não cessaria nunca, como acontecia no primeiro tempo.

Trovão era então um animal;¹³ parecia uma grande anta que vivia num rio, perto de uma cachoeira. No começo, nossos ancestrais não o conheciam. Mas ficavam exasperados de tanto ouvir sua voz potente ressoando na floresta. Cansados, resolveram fazê-lo ficar quieto e o flecharam. Depois cortaram seus despojos, tomando muito cuidado para não espalhar seu sangue pelo chão. Cozinharham suas carnes com cuidado e as comeram com gosto. No final dessa refeição, um dos caçadores, satisfeito e brincalhão, propôs insistentemente um pedaço de fígado cru que havia sobrado ao genro de Trovão, o ancestral do pássaro *It'āilit'āiyama*. Ele, furioso, deu um golpe repentino na mão do inconviente e o pedaço de carne foi projetado para as costas do céu, onde reviveu e se multiplicou por toda parte, como milhares de trovões de voz retumbante. São eles que ouvimos hoje em dia, acima da floresta, e que os xamãs têm de convencer a ficar em silêncio.

Os seres raio, por sua vez, parecem araras cobertas de faíscas de luz que, quando batem estrondosamente as asas, projetam reflexos deslumbrantes. São muito poderosos, e quando sentem fome, logo demonstram toda a sua raiva. Seus pés de fogo caem do peito do céu na floresta, com um barulho horrível. Por isso os xamãs também tratam de conter sua fúria. Para amansá-los, fazem dançar suas próprias imagens e as enviam de volta a eles na forma de *xapiri*. Esses espíritos então agarram os seres raio, para tentar chamá-los à razão: "Mã! Não sejam tão raivosos! Não destruam a floresta dessa maneira! Outras gentes moram nela! Os humanos têm filhos lá!". Depois, brincam com eles, fazem-lhes cócegas; ou, se não ficarem quietos, acabam batendo neles, e os repreendem com severidade. Então eles se acalmam e voltam a ficar em silêncio; e a tempestade se cala na floresta.

O ser do vendaval, *Yariporari*, também é muito perigoso.¹⁴ Cultiva em sua imensa roça muitas canas-de-flecha. Quando parte em guerra, vai atirando flechas por toda a floresta com muita raiva. Sua força é tão aterradora que até os *xapiri* têm medo a cada vez que ele passa, revirando tudo. Sacode nossas casas e derruba as grandes árvores sobre nossos acampamentos. Destroça as ramadas, emaranha o mato rasteiro e bate violentamente contra os troncos. O ser tatu-canastra *Wakari* sempre o acompanha, cortando as raízes com seu enorme facho. *Yariporari* é um vendaval terrível, que caiu debaixo da terra no primeiro

tempo. Fica escondido num buraco fundo, coberto por uma tampa pesada, que às vezes é levantada pelos *xapiri* por vingança quando estão em luto pelo pai, ou por xamãs enfurecidos contra seus inimigos. Então ele surge com toda a sua força, devastando com violência a floresta e aterrorizando seus habitantes. Quando isso acontece, os espíritos dos pássaros *witiwitiima namo*, *xiroxiro* e *teateama*, acompanhados dos espíritos gavião *koimari*, tentam agarrá-lo e amarrá-lo. Em seguida, tratam de destruir suas plantações de canas-de-flecha antes de prendê-lo de novo no mundo subterrâneo. De outro modo, sua fúria acabaria aniquilando tudo na floresta e nos varrendo para longe. Antes de meus iniciadores me fazerem conhecer o espírito do vendaval *Yariporari*, eu não pensava que pudesse existir um ser maléfico tão poderoso debaixo da terra! Apesar de ele ser tão perigoso, os xamãs experientes são capazes de fazer dançar também a imagem dele como *xapiri*. Mas então é seu espírito antigo, seu espírito pai, que fazemos descer para espantar as fumaças de epidemia com que os brancos enchem a floresta. Assim é. Sem o trabalho dos xamãs, voltaria ao caos depressa. A chuva e a escuridão, a raiva dos trovões, dos raios e do vendaval não cessariam nunca. Só os *xapiri* podem protegê-la e fortalecê-la. Por isso seguimos *xapiri* felizes e, assim, eles continuam cuidando de nós. Os brancos não sabem nada dessas coisas. Se contentam em pensar que somos mais ignorantes do que eles, apenas porque sabem fabricar máquinas, papel e gravadores!

As pessoas também se queixam junto aos xamãs quando o tempo seco dura demais, quando as bananeiras e a cana-de-açúcar definham nas roças e os cursos d'água na floresta se esgotam. Então, para pôr fim à seca, eles tratam de trazer de volta para a floresta o ser maléfico do tempo úmido,¹⁵ *Toorori*, que é também o dono da chuva. Para convidá-lo a retornar, enviam até ele os *xapiri* das cheias, das chuvas e do caos, que são as imagens dos seres maléficos *Riori*, *Maari* e *Xiwāripo*. Depois juntam a eles, como reforço, as imagens dos seres do tempo encoberto e da noite, *Ruēri* e *Titiri*. Então, *Toorori*, calcinado e encarquilhado, consegue arrancar-se da barriga do ser sol, *Mot'okari*, que o tinha engolido. Joga água sobre a própria cabeça e, aos poucos, vai voltando à vida. Aí começa a se vingar, passando ele a ocupar toda a floresta. Quando isso ocorre, a chuva finalmente volta a cair.

Sem conhecer o trabalho dos antigos xamãs, assim mesmo tentei, certa vez, fazer voltar o tempo das chuvas. Foi aqui, em *Watoriki*, já faz algum tempo.¹⁶ A seca não terminava. O calor ia aumentando. O ser sol *Mot^hokari* tinha descido do peito do céu e tinha realmente baixado os pés na floresta. *Omoari*, o ser do tempo seco, parecia querer se instalar nela para sempre. Tinha secado todos os cursos d'água e se fartado de peixes e jacarés. Tinha torrado as árvores e assado a terra. As pedras ficaram em brasa. Os animais e os humanos passavam sede. Era o tempo de queimar as roças, como de costume. Mas o vento carregou fagulhas para o mato, que estava muito seco, com o chão coberto de folhas mortas. Então, a floresta à nossa volta começou a queimar. Depois, o incêndio foi aos poucos se propagando para todos os lados. Quando o fogo é assim tão poderoso, vira um outro ser, muito perigoso, que se apropria de todas as árvores à sua volta para construir sua casa. Chegou até mesmo a subir as encostas da Montanha do Vento, perto da nossa casa, onde os seres maléficoss da floresta cultivam suas plantas de feitiçaria. Ficamos muito preocupados, temendo que as chamãs as queimassem, espalhando sobre nós uma epidemia *xawara*. A fumaça só aumentava, sem parar. Primeiro, elevou-se bem alto, no peito do céu. Depois recaiu sobre nós, cada vez mais baixa e densa, e cobriu toda a floresta. Nossos olhos estavam irritados e o peito muito seco. Não enxergávamos mais nada à nossa volta e tossíamos sem parar. Era muito difícil respirar. Tínhamos medo de tudo pegar fogo e acabarmos morrendo sufocados. Tínhamos por nossos filhos, nossa casa e nossas roças.

Então, com meu sogro e todos os xamãs de *Watoriki*, e alguns outros que avisamos por rádio,¹⁷ bebemos pó de *yākoana* e começamos a trabalhar para atrair a chuva. Primeiro fizemos dançar a imagem de *Omana*, para bater no fogo e esmagá-lo. Depois, chamamos os espíritos dos trovões e os de seus generos, para despejarem as águas do céu sobre o braseiro. Fizemos também dançar a imagem do ser do vendaval, para que ela empurrasse a fumaça no céu e a expulsasse para longe de nós. Assim, pouco a pouco, o fogo começou a diminuir. Nossos espíritos então afugentaram o ser do tempo seco, *Omoari*, com palavras hostis: "Volte para a sua casa! Não vá querer se instalar aqui, senão toda a floresta vai queimar, e seus habitantes junto!". Em seguida, começaram a chamar de volta o ser do tempo das chuvas, *Toorori*, para limpar a floresta.

Trabalhamos assim durante dias, até que, finalmente, a chuva começou a cair. Se não tivéssemos feito isso, todas as árvores teriam sido incendiadas, até

na terra dos brancos, porque aquele não era um fogo qualquer. Era um ser maléfico muito perigoso, um espírito fogo comedor de gente que chamamos *nakiari waké*. Era o espírito do fogaréu *mōruxi waké*, que saiu da terra, o mesmo que consumiu toda a floresta no primeiro tempo. Esse fogo vem de onde mora o sol e, no lugar em que vive, as águas estão sempre fervendo. Seu representante é o que os brancos chamam de vulcão. É tão poderoso que queima até a areia e as pedras. Em seus discursos, à noite, nossos mais velhos xamãs nos falaram várias vezes do incêndio que, no tempo de *Omana*, devastou as terras altas da floresta. Contaram-nos que, em certos lugares, as árvores jámais voltaram a crescer. As terras sem árvores nas nascentes dos rios, que chamamos *puruasi*, são as marcas do caminho desse antigo incêndio. Não apareceram ali sozinhas, à toa!¹⁸ Noutros lugares, ao contrário, a floresta cresceu de novo, porque o ser da riqueza da terra, que chamamos *Hutire* ou *Nē roperi*, trabalhou sem parar para replantá-la. É um trabalhador incansável. Repovoou o solo calcinado com todas as suas árvores e plantas da roça — mandioca, bananeiras e pupunheiras *rasa si* — para nossos ancestrais, seus filhos e netos poderem comer. Se ele não tivesse existido, teríamos ficado famintos para sempre e daríamos muita pena!

Antigamente, nossos maiores, quando se tornavam xamãs sob efeito das folhas de feitiçaria *hayakokari hana*,¹⁹ eram capazes de chamar as imagens dos queixadas e, assim, de atrair essa caça para perto de suas casas. Um dos antigos xamãs de nossa casa, que eu chamava de cunhado, sabia fazer dançar esses espíritos queixada, mas já não vive. Quando morreu, vi sua casa de espíritos desabar e, na queda, rasgar os frágeis caminhos desses *xapiri*. Ele nos havia prevenido: "Assim que meu fantasma tiver partido para as costas do céu, vocês não verão mais queixadas na floresta. Ficarão se lamentando de fome de carne!". Mas ninguém pensou em dizer a ele, enquanto estava vivo: "Awei! Quero eu também saber como cuidar dos caminhos dos espíritos queixada para impedir que fujam!". Eu mesmo não disse nada. Na época, ainda era ignorante. Se eu tivesse feito isso, quem sabe essa caça não teria desaparecido de nossa floresta durante tanto tempo?²⁰ Mas na época ninguém teve a sabedoria de segurar os caminhos desses espíritos!

Só os antigos xamãs sabiam fazer os queixadas saírem da terra, chamando

sua imagem. Antigamente, essas folhas *hayakoari hana* eram muito usadas como planta de feitiçaria. Mas são folhas que pertencem aos espíritos do céu. Por isso quem era atingido por elas virava outro e logo via dançar a imagem do ser *Hayakoari*, que parece uma anta. Os doentes então começavam a gesticular e a gritar, e então disparavam para fora de suas casas. Mas não era na floresta que corriam tão exaltados. Sem que seus próximos pudessem vê-la, era sua imagem que fugia, montada no ser anta *Hayakoari*, que a levava para casa. Ficavam assim perdidos na floresta por muito tempo e lá viravam outros. Era então que começavam a realmente ver dançar as imagens dos ancestrais queixada. No final, acabavam deixando o caminho de *Hayakoari* e iam se acalmando aos poucos. Retornavam a suas casas, guiados pelos *xapiri* dos xamãs que tinham vindo socorrê-los. Sem isso, teriam morrido de fome e de cansaço, esquecidos sobre o espelho de *Hayakoari*.

Mais tarde, quando eles mesmos se tornaram xamãs experientes, eram capazes de abrir os caminhos dos ancestrais queixada *worëri* e fazer suas imagens descerem novamente até eles. Para chamá-las, mandavam primeiro os espíritos do pássaro *xotokoma*,²¹ que são seus genros. Esses emissários cortavam as árvores para abrir uma entrada na floresta para seus sogros. Nela penduravam magníficos adornos de miçanga para atraí-los. Depois faziam ressoar o chamado de suas flautas de bambu *i'ora*, para que os espíritos queixada viessem dançar junto do xamã que os enviara. Então, os queixadas também se aproximavam de nossas casas para serem caçados. Era assim que nossos maiores trabalhavam para saciar a fome de carne dos seus. Os caminhos dos espíritos queixada são, no entanto, muito frágeis. Assim que morre o pai deles, os caminhos arrebatam e voltam para debaixo da terra. Então, por mais esforço que os outros xamãs façam para trazê-los de volta, não conseguem. Os ancestrais queixada ficam no mundo subterrâneo, até que outro rapaz se torne xamã sob efeito das folhas *hayakoari hana* e reaprenda a chamá-los.

As antas, por sua vez, só aparecem na floresta ao alcance dos caçadores quando os xamãs fazem vir a imagem do seu ancestral, que chamamos de *Xamari*. Para isso, devem enviar primeiro seus espíritos jaguatirica e cão de caça para rastrear-lo e, em seguida, os espíritos dos pássaros *xoapema*, dos gaviões *herama* e dos pica-paus *ëxëma*, para chamá-lo. Sem isso, *Xamari* continuaria

navegando em sua canoa por rios distantes e as antas não apareceriam na floresta. As antas gostam de passar muito tempo folgando na água, não é? Os espíritos de todos os pássaros de que falei são seus genros.²² Por isso ele atende ao chamado de suas flautas e aceita seu convite: "Sogro! Venha a nós! Temos fome de carne! Temos desejo de você!". Assim, logo depois de terem feito amizade com seu sogro *Xamari*, eles amarram uma corda em sua canoa e o rebocam até a margem, com a ajuda do espírito da ariranha *kana*. O ancestral anta então desce de sua embarcação, e volta a entrar na floresta. Seus genros, solícitos, indicam a ele onde encontrar seu alimento preferido, as frutas das palmeiras *riokosi* e *ëri si*, e também as das árvores *apia ki*, *orixi hi*, *makina hi*, *hapakara hi* e *pirima alhti'o'i'o*. É desse modo que os xamãs atraem as antas para a terra firme, para podermos caçá-las na floresta.

Mesmo assim, elas só podem ser achadas por caçadores muito especiais; os que em nossa língua chamamos *xama xio*.²³ São caçadores que têm neles as imagens do espírito anta e de seus genros, mesmo sem serem xamãs. Elas descem a eles e amarram suas redes em seus peitos, porque os pais deles já eram grandes rastreadores de antas. Não fosse a grande habilidade desses caçadores *xama xio*, nós jamais comeríamos carne dessa caça. É verdade. Quem vai caçar preocupado com outras coisas, sem muito empenho, nunca avista uma anta. Encontra apenas jabutis no chão da floresta! Ao contrário, um caçador apaixonado pela imagem do ancestral Anta, que realmente sente saudade dela,²⁴ logo depara com um desses animais, longe na floresta ou perto de casa.

Era assim que nossos xamãs antigos traziam para nossa floresta os queixadas e as antas, e também os macacos-aranha, os papagaios, os mutuns e os veados. Bebiam *yãkoana* e faziam dançar as imagens dos ancestrais animais *yarori*. E quando faziam descer a si os espíritos arara, logo víamos esses pássaros surgindo perto de nossa casa. Era assim mesmo. Os animais só ficam felizes quando ouvem os cantos dos *xapiri*, e estes não gostam que seus pais fiquem preguiçando na rede, sem beber *yãkoana*. Assim é. A caça só fica fácil de matar se os xamãs fizerem descer as imagens de seus ancestrais. Nossos maiores tinham muito conhecimento e sabiam fazer bem esse trabalho. Não ficavam cantando à toa, como costumam pensar os brancos, pois se os xamãs não trabalharem sem descanso, os animais de caça ficam irritados e muito ariscos. Se é assim, as presas não param de se queixar dos caçadores: "Ma! São outras gentes. Tratam-nos sem nenhum respeito. Despejam de uma maneira suja o

caldo de nosso cozimento para fora de suas casas! Aítram sem consideração nossas ossadas e peles na floresta! É de dar dó! Vamos ficar longe deles!”. Os animais também são humanos. Por isso se afastam de nós quando são maltratados. No tempo do sonho, às vezes ouço suas palavras de desgosto quando querem se negar aos caçadores. Quando se tem mesmo fome de carne, é preciso flechar a presa com cuidado, para que morra na hora. Assim, ela ficará satisfeita por ter sido morta com retidão. Caso contrário, fugirá para bem longe, ferida e furiosa com os humanos.

Quando as árvores da floresta não carregam frutos, os japins *kori* e *napore* e as gralhas *piomari namo* não se reúnem nelas. Nenhuma outra ave tampouco se aproxima. Assim é. Os papagaios, tucanos, araras, mutuns, jacamins, cuijúbins e perdizes *pokara* costumam vir comer nas árvores logo depois dos japins e das gralhas. Alimentam-se dos restos destes, das frutas que seus bandos barulhentos bicam no topo das árvores ou fazem cair no chão. Por isso os xamãs fazem dançar os espíritos japim e gralha, para que as outras caças aladas voltem a ficar abundantes na floresta. As imagens dessas aves fazem amadurecer os frutos das árvores para alimentar todos os outros espíritos pássaros que as seguem de perto. Quem nunca bebeu *yákoana* não se dá conta disso. Apenas ouve o canto dos xamãs durante a noite, sem entender o que estão fazendo. Porém, se não há comida nas árvores e a floresta tem valor de fome, eles enviam seus *xapiri* japim e gralha para bem longe, em direção ao poente, para de lá trazerem a imagem de seus frutos. Quando retornam, os demais espíritos pássaros exclamam, alegres e ansiosos: “*Awei!* Finalmente vamos comer! Vamos pedir a eles nossa parte da comida que trazem! Parece gostoso! Estamos famintos e sofridos!”. Depois, todos se precipitam sobre a tão desejada comida, num enorme bando, eufórico e voraz. Só assim a caça alada começa a reaparecer na floresta! Volta para bem longe de nós, no começo, e depois vai pouco a pouco se aproximando de nossas casas. Então, os caçadores, animados, espalham a notícia: “A caça está comendo perto de tal rio, e lá perto daquele grupo de árvores, e também naquele outro lugar!”.²⁶

Era esse, antigamente, o trabalho de nossos grandes xamãs para atrair a caça para a nossa floresta. Hoje, perdemos esse conhecimento e muitos de nossos pais já o tinham esquecido antes de nós. Só os nossos verdadeiros maio-

res tinham capacidade para isso. Conseguiam juntar uma multidão de papagaios e araras nas palmeiras *hoko si* e *ókarrasi si*, onde brincavam, pouco desconfiados; e ficavam ali parados, ao alcance dos caçadores, mordiscando as folhas novas. É verdade! Meus avós, quando viviam, há muito tempo, na nascente do rio Toototobi, tinham mesmo esse poder. Às vezes faziam uso dele, para as pessoas de sua casa poderem se fartar da carne dessas aves e se enfiar com suas penas. Sua preocupação era manter sua gente feliz. E quando os seus ficavam com muita fome de carne, chegavam até a trazer caça da floresta dos fantasmas, que fica nas costas do céu! Mandavam então seus *xapiri* espantarem as presas lá em cima, para fazê-las cair na terra. Os xamãs sabem: a floresta dos fantasmas é coberta de árvores sempre carregadas de frutos e os queixadas, os macacos-aranha, os mutuns e os cuijúbins são nela muito mais numerosos do que aqui embaixo!



As árvores da floresta e as plantas de nossas roças também não crescem sozinhas, como pensam os brancos. Nossa floresta é vasta e bela. Mas não o é à toa. É seu valor de fertilidade que a faz assim. É o que chamamos *nē rope*.²⁵ Nada cresceria sem isso. O *nē rope* vai e vem, como um visitante, fazendo crescer a vegetação por onde passa. Quando bebemos *yákoana*, vemos sua imagem que impregna a floresta e a faz úmida e fresca. As folhas de suas árvores aparecem verdes e brilhantes e seus galhos ficam carregados de frutos. Vê-se também grande quantidade de pupunheiras *rasa si*, cobertas de pesados cachos de frutos, pendurados na parte de baixo de seus troncos espinhosos, e imensas plantações de bananeiras e pés de cana-de-açúcar. Esse valor de fertilidade da terra está ativo por toda parte. É ele que faz acontecer a riqueza da floresta e que, desse modo, alimenta os humanos e a caça. É ele que faz sair da terra todas as plantas e frutos que comemos.²⁶ Seu nome é o de tudo o que prospera, tanto nas roças como na floresta.²⁷

No primeiro tempo, *Omama* colocou esse valor de fertilidade dentro de nossa terra e sua imagem foi se espalhando por toda a sua extensão, antes de

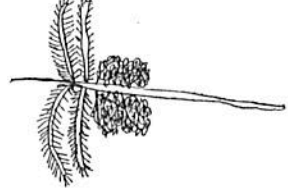
chegar à terra dos brancos. Seu verdadeiro centro se encontra onde moramos, onde *Omama* veio a ser. É verdade. Na floresta, habitamos no lugar onde vive o pai da fertilidade *nē rope*, o lugar de sua origem. É por isso que a imagem dele, que chamamos *Nē roperi*, dança com os espíritos dos ancestrais animais que os xamãs fazem descer. Assim, quando a floresta tem valor de fome, eles podem beber *yākoana* para trazer de volta a imagem de seu valor de fertilidade. Em nossa casa de *Watoriki*, porém, não precisamos fazer esse trabalho. Nossa terra é bela e impregnada de riqueza.²⁸ O ser maléfico da fome, que chamamos de *Ohinari*, permanece longe dela e a imagem da fertilidade dança junto a nós desde que viemos morar aqui. Faz crescer as frutas das árvores e as plantas das roças com muita generosidade, após cada período de chuva. Tudo cresce com fartura, e a caça se alimenta de abundância, nas árvores, no chão e na água.

Nē roperi, a imagem da riqueza da floresta, se parece com um ser humano, mas é invisível à gente comum. Só deixa aparecer para seus olhos de fantasma o alimento que faz crescer, e apenas os xamãs podem realmente contemplar sua dança de apresentação. Na frente dela vem um bando barulhento de espíritos japim e gralha, acompanhado por uma multidão de espíritos arara, papagaio, tucano e mutum. Esses *xapiri* que carregam consigo os demais pássaros são os companheiros da imagem da fertilidade, são seus ajudantes. Ela nunca dança sem eles. Os xamãs os fazem descer quando as pessoas de sua casa têm fome, pois onde seus chamados não são ouvidos não cresce alimento algum. Foram esses ancestrais animais que, no primeiro tempo, descobriram e espalharam por toda parte a fertilidade da terra. É por isso que os pássaros de hoje, que são seus fantasmas, continuam comendo os frutos da floresta. São representantes deles. É o que dizem os nossos mais velhos xamãs. Porém, são também riquezas da floresta as imagens das abelhas *yamanama*, que fazem desabrochar as flores das árvores e espalham o açúcar por seus frutos, assim como pelos do mamoeiro e da cana-de-açúcar. São ainda as imagens das mulheres bananeiras e das árvores *aro kohi* e *wari mahi*, de folhagem tão densa.²⁹ Nas terras altas, são as imagens dos gaviões *witiwitiima namo* que tornam abundantes as lagartas *kaxa*, as frutas das árvores *momo hi* e das palmeiras *xoo mosi*, bem como as flores comestíveis das árvores *nāi hi*.

Assim que o chamado estridente dos espíritos japim e gralha ecoa de todos os lados, começa também a se fazer ouvir o canto grave de *Nē roperi*, o espírito da fertilidade. Ele chega dançando alegremente, trazendo nas costas todos os

alimentos da floresta. Parece um ser humano, mas é outro. É muito mais lindo. Seus olhos são bonitos e seus cabelos são como uma cascata de flores amarelas e brancas. Seu corpo é recoberto de penugem luminosa e ele tem em torno da testa uma faixa de rabo de macaco cuxiú de um preto intenso. Evolui devagar, seguido por um cortejo de imagens de árvores, cipós e folhas. Vem envolto numa nuvem ruidosa de espíritos de pássaros multicoloridos: *sei si*, *huturacama nakasi*, japins *ayokora* e araçaris. Acompanha-o uma multidão de ancestrais animais *yarori* e de espíritos da floresta *urihinari*, agitando palmas novas desfiadas, num inebriante perfume de flores. Dança no meio deles agitando os frutos da floresta que traz consigo, eles também cobertos de penugem de um branco resplandecente. Eu já vi dançar essa imagem da riqueza da floresta no tempo do sonho, depois de ter bebido o pó de *yākoana* durante o dia todo. É mesmo esplêndida! Cheguei até a sentir na minha boca o sabor macio e doce de suas frutas maduras!

Assim é. Uma vez terminada sua dança de apresentação, o espírito *Nē roperi* alimenta o xamã que o chamou e vem instalar seu espelho na casa de espíritos dele, numa habitação à parte, como os demais *xapiri*. A partir desse momento, o xamã saberá trazer de volta a fertilidade da floresta para junto dos seus. Sem ninguém saber, ele fará crescer todas as plantas e curará sua esterilidade. Assim que faz dançar *Nē roperi*, as flores começam a desabrochar nas árvores. Em seguida, os galhos ficam férteis e carregados de frutas. Se o espírito da fertilidade não descesse com seus espíritos japim e gralha, nossa floresta permaneceria com valor de fome e a caça não andaria nela. São as imagens desses pássaros que fazem crescer os alimentos, os dos animais e os nossos. Depois, é *Omori*, o ser do tempo seco, com o calor que deposita no solo, que ajuda a amadurecer as frutas da floresta, pois ele também as come.



Nossos maiores bebiam o pó de *yákoana* e exortavam seus espíritos dizendo: "Nossas mulheres e crianças estão esfoameadas! Façam crescer novamente os alimentos da floresta!". Então os enviavam em busca da imagem da fertilidade *në rope*, muito longe, onde vive o dono dela, o ser *Hutire*, e eles a traziam de volta. Ai, nas pegadas de retorno dos *xápiri*, as plantas cresciam nas roças e as árvores floresciaam. A imagem da fertilidade chegava à nossa floresta e depois prosseguia para além dela. Hoje, não temos tanto conhecimento quanto nossos antigos xamãs, mas apesar disso tentamos seguir o caminho deles. Antes de morrerem, não nos ensinaram a trazer de volta a fertilidade da floresta. Mesmo assim aprendemos a virar espíritos por nossa vez, e também chegamos a co-nhecer sua imagem, fazendo-a dançar no tempo do sonho. Assim é. Quando a riqueza da floresta se afasta de nossas casas, não retorna por conta própria. Os xamãs têm de se esforçar muito para trazer de volta sua imagem, pois sem ela os frutos das árvores e as plantas das roças param de crescer. Depois disso, precisam continuar trabalhando muito para retê-la, pois ela pode fugir a qualquer momento e nunca mais voltar.

Quando isso acontece, é porque *Ohinari*, o ser da fome, instalou-se na floresta no lugar dela. Vindo de muito longe, de onde os brancos não têm nada mais o que comer, ele fica de tocaia para nos maltratar. Por mais que plantemos e trabalhemos duro, nada cresce em nossas roças, nem bananeira, nem mandioca, nem cana-de-açúcar! Todas as plantas cultivadas definham e, na floresta, os galhos das árvores continuam vazios. A caça vai rareando. Então, dizem: "*Urihi a në oh!* A floresta tem valor de fome!". *Ohinari* é o que os brancos chamam de pobreza. É um ser maléfico que mata aos poucos. Quando decide se instalar na floresta, pode permanecer muito tempo no mesmo lugar. Ai as pessoas logo ficam sem nada para comer. Dia após dia, ele sopra seu pó de *yákoana* nas narinas delas, fazendo-as virar outras. Então, elas ficam cada vez mais fracas. Seus membros não têm mais energia e elas sentem fortes tonturas. Seus ouvidos entopem, sua voz seca e seus olhos vazios causam dó. Definham aos poucos, e acabam desmaiando. Depois morrem, só pele e osso.

Para evitarem que isso aconteça, os xamãs devem beber mais e mais *yákoana*, para enviar seus *xápiri* em busca da imagem da fertilidade em florestas distantes, ou até mesmo nas costas do céu. É verdade. Como eu disse, existe um valor de fertilidade *në rope* acima de nós. É o dos fantasmas e dos seres trovão, que também se alimentam de plantas de suas roças e de frutas de sua

floresta, cheia de árvores *orixi hi*, *mōra mahi*, *yawara hi* e muitas outras. Sua fertilidade é muito grande mesmo, e os espíritos japim e gralha são capazes de trazê-la para nós. Mas os fantasmas podem, também, por conta própria, resolver fazer cair um pouco dessa riqueza entre os humanos. Isso às vezes acontece, durante suas festas, quando, depois de saciados, entoam seus cantos *heri* e ouvem as mulheres dos vivos se queixar de fome, pedindo a eles um pouco de seus restos. Nos lugares em que eles se mostram generosos, os frutos das árvores da floresta e das pupunheiras *rasa si* ficam muito abundantes mesmo, e os humanos, felizes, podem fartar-se deles à vontade.

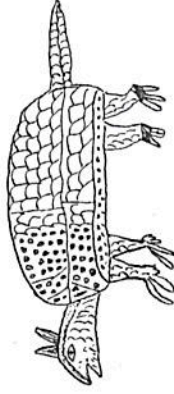
No primeiro tempo, foi *Koyori*, o ancestral Sáúva, que, quando a floresta ainda estava se transformando, descobriu nela o valor de fertilidade das roças e o transmitiu a nós.³⁰ Mas não é ele quem faz crescer as árvores. É *Omaná*. *Koyori* trabalhava sozinho na floresta durante o dia todo, tanto que suas longas ausências intrigavam seus próximos. Ele os desmistava, afirmando que andava derrubando árvores à cata de mel selvagem. Mas estava mentindo! Na verdade, sem que ninguém soubesse, ele passava o tempo todo abrindo uma roça, cada vez mais imensa. Naquele tempo ainda não existia, porém, nenhuma planta cultivada. Para fazer com que surgissem da terra, Sáúva apenas batia com o pé no chão repetindo: "Que se espalhem as raízes destas plantas! O milho vai sair aqui! As bananeiras aqui!". Então, os pés de milho e as bananeiras logo começavam a crescer diante dos olhos. A sogra de Sáúva se chamava *Poomari*. Tinha um gênio difícil e reclamava do genro sem parar. Ficava enfurecida com o fato de ele passar tanto tempo na floresta em vez de lhe trazer comida. Certo dia, exasperada, insultou-o, fazendo piadas a respeito de seu traseiro arqueado. Ele então resolveu se vingar. Mandou-a ir buscar milho cada vez mais longe em sua roça, para que acabasse se perdendo em suas vastas plantações. Foi o que aconteceu. Desamparada, transformou-se em pássaro *poopoma*. Até hoje seu canto pode ser ouvido nas roças: "*Poooi! Poooi! Poooi!*". Quanto ao genro, metamorfo-seou-se em saúva *koyo*.

Desde então, os xamãs sabem fazer descer as imagens de *Koyori* e de sua sogra *Poomari*. Ouvi seus cantos quando o pai de minha esposa as fazia dançar e as vi muitas vezes quando sonhava, depois de ter bebido *yákoana*. Essas imagens também possuem o valor de fertilidade da terra. Foi desse modo que ela

apareceu. No tempo em que *Koyori* veio a ser, ainda não existiam roças. As pessoas só comiam frutos da floresta. Foi ele que pediu as plantas cultivadas ao ser da fertilidade *Në roperi*. Foi ele o primeiro a fazer crescer milho, bananeiras, mandioca, taioba e cará. Ele nos ensinou esse trabalho. De modo que se um homem tem em si a imagem de *Koyori*, mesmo não sendo xamã, ela vai ajudá-lo a trabalhar em sua roça sem descanso, com saúde ou doente. Jamais será visto cochilando na rede. Ela lhe dará vontade de abrir cada vez mais parcelas, para plantar todos os tipos de alimento. Assim é. Para o trabalho de roça, imitamos também a imagem do lagarto gigante *wáskara*, que nos torna capazes de trabalhar abaixo de sol, sem esmorecer. Essas imagens passam de pai para filho, pelo esperma, pelo sangue que vem do esperma.³¹ Elas não podem ser vistas. Ficam fundo dentro da gente, no nosso pensamento, dentro de nosso fantasma, no interior de nossa própria imagem.³²

Nas roças, são os espíritos da juriti *horeto* que cuidam das bananeiras. Plantam-nas com os humanos, e acompanham seu crescimento, pois também são mulheres espíritos de fertilidade *në ropeyoma*. Entretanto, são os espíritos morcego e macaco-aranha que brincam e copulam com os brotos de bananeira quando ainda são moças.³³ Fecundam-nas com seu valor de fertilidade e elas então começam a ficar carregadas de cachos volumosos.³⁴ É verdade. As bananas não nascem sozinhas à toa! As bananeiras são mulheres-plantas. Seus frutos nascem porque elas ficam grávidas e parem. É assim com tudo o que cresce nas roças e na floresta. As mulheres-plantas primeiro ficam grávidas. A gravidez dura algum tempo, e depois elas dão à luz. É então que seus frutos aparecem. Eles nascem como os humanos e os animais. É por isso que os moradores de uma casa costumam recorrer aos xamãs quando suas bananeiras custam a crescer ou quando precisam dispor logo de uma grande quantidade de bananas para dar uma festa *reahu* e suas roças ainda são novas. Pedem a eles que façam dançar seus espíritos morcego e macaco-aranha, para que engravidem as mulheres-bananeiras e seus frutos se desenvolvam depressa. Então, esses *xapiri* colocam seus filhos e o sabor do açúcar nos brotos novos das bananeiras,³⁵ como os humanos com seu esperma nas suas mulheres. É desse modo que procedem; muitas vezes os vi copular no tempo do meu sonho.

Por sua vez, os espíritos do tatu-canastra *waka* são os donos dos tubérculos de mandioca e de sua fertilidade.³⁶ Plantam-nos junto com os humanos e são eles que os fazem crescer. Assim, o homem que possui dentro dele a imagem desse animal com certeza terá uma bela plantação de mandioca. Essa imagem irá ajudá-lo quando trabalhar na roça e seus braços estarão impregnados de valor de fertilidade. Os tubérculos de seus pés de mandioca ficarão longos e firmes. Assim é. Se pedirmos a eles, os xamãs podem também chamar e fazer dançar o espírito tatu-canastra e seu valor de fertilidade, para engrossar os tubérculos de uma plantação de mandioca que não está produzindo bem. No caso das pupunheiras *rasa si*, os xamãs também podem fazer descer o espírito do pássaro *marokoaxirioma*,³⁷ que fecunda a imagem das mulheres-palmeiras *raxayoma* passando em volta de seus pescoços o ovo de seus frutos. Estes então se põem a crescer em profusão e, para que seus cachos pesados não caiam antes da hora, o espírito japim *napore* deve dar tipoias às mães, que os levam nelas como recém-nascidos.³⁸ Finalmente, são os espíritos arara que se encarregam de fazer com que amadureçam.



É o espírito do turiri *yōriama*, por sua vez, que faz crescer as taiobas *aria si*. Os xamãs também podem chamar sua imagem e fazer dançar seu valor de fertilidade para aumentar seus tubérculos. Por outro lado, é simplesmente a terra da floresta que faz crescer os carás; a terra à qual o ancestral saúva *Koyori* deu fertilidade no primeiro tempo.³⁹ É também a imagem dele que faz crescer os pés de milho, como ele fez outrora, batendo o pé no chão. Nossos maiores, há muito tempo, costumavam dar suas festas *reahu* oferecendo milho a seus convidados.⁴⁰ Hoje, porém, já não o cultivamos muito. O ancestral saúva *Koyori* é o verdadeiro dono da fertilidade do solo da floresta. A cana e a batata-doce também crescem graças a ele. Não precisamos ficar regando a terra, como os brancos, para que haja muito alimento em nossas roças! O valor de fertilidade da floresta basta. Sem ele, as plantas ficariam feias e mirradas.

Quando o que plantamos em nossas roças não cresce mesmo, chegamos a pensar, às vezes, que xamãs inimigos podem ter desviado o valor de fertilidade da floresta para longe de nós. Mas também pode acontecer de algum xamã de uma casa amiga levá-lo embora sem querer. Assim, numa festa *reahu*, algum convidado empanturrado pode roubar em sonho a imagem da fertilidade da floresta de seus anfitriões. Tornado fantasma sob o efeito da enormidade de mingau de banana que estes o fizeram beber,⁴¹ pode levar para sua própria casa os espíritos morcego que fizeram crescer aquelas frutas, para que passem a dançar na sua roça. Assim é. Quem bebe muito mingau de banana ou de pupunha numa festa vira outro e, à noite, as imagens da fertilidade dessas frutas vêm visitá-lo. Ocorreu comigo, certa vez, numa festa *reahu* na casa dos *Xamã^hari* do rio *Kapirota* u. Tinha tomado tanto mingau de pupunha que trouxe de lá a imagem do pássaro *marokoaixitoma* que as tinha feito crescer! Apareceu de repente enquanto eu dormia, e me seguiu no caminho de volta, para fazer crescer minhas próprias plantações, em *Watoriki*. Meus anfitriões perceberam, mas não guardaram rancor. Disseram-me apenas: “Pode ficar com a fertilidade dessas frutas! Faremos vir outra às nossas roças!”. Porém, mesmo quando a riqueza de nossas plantações é assim levada por um xamã visitante, isso não dura muito. Continua havendo muita fertilidade *nē rope* na floresta, e se nossas roças ficam com valor de fome, basta bebermos *yākoana* para trazê-la de volta para junto de nossa casa. Por fim, se for preciso, é também possível emprestar a fertilidade da floresta de uma casa amiga. Nesse caso, dizemos aos seus moradores: “Os meus estão passando fome, porque minhas plantações não estão crescendo bem. Gostaria de conseguir o valor de fertilidade que vocês têm! Mas não sei como fazer!”. Então, os xamãs daquela casa, para mostrar sua generosidade, farão dançar sua imagem para dá-la a nós.

Os animais são como os humanos. Nós ficamos satisfeitos quando nossas roças se enchem de cachos de bananas e de pupunhas; eles ficam felizes quando há muitos frutos nas árvores da floresta.⁴² Estes são o alimento deles assim como aqueles são os nossos, pois os animais que caçamos são os fantasmas de nossos ancestrais transformados em caça no primeiro tempo. Uma parte desses ante-

passados foi arremessada no mundo subterrâneo quando o céu desabou. Outra ficou na floresta, na qual nós também viemos a ser criados, e virou caça. Damos a eles o nome de caça, mas o fato é que somos todos humanos. Assim é. Quando a riqueza da floresta vai embora, os animais ficam esqueléticos e vão rareando, pois é ela que costuma fazer a caça prosperar. Com ela, os animais encofparam e fazem filhotes, que por sua vez crescem e se multiplicam porque comem seus frutos maduros e doces.⁴³ Para viver suas imagens devem se alimentar da imagem do valor de fertilidade da floresta. Por isso os xamãs também fazem descer a imagem da gordura da caça, junto com a da fertilidade da terra. Essa gordura das antas, dos queixadas e dos macacos-aranha vem de para além da terra dos ancestrais dos brancos. É ela que engorda também o gado deles e faz alguns ficarem tão enormes! Nós a chamamos *yarori pē wite*, a gordura dos espíritos animais.

Para trazê-la até sua floresta, os xamãs têm de despachar para longe os *xapiri* dos pássaros *napore* e *hutuma*.⁴⁴ Ela vem de um ser muito antigo que, aos olhos dos xamãs, parece um macaco-aranha gigante. Este ser fica escondido a montante do céu, onde nasce o sol. É muito barigudo, porque guarda em si toda a gordura da caça, que só cede aos poucos, com avareza.⁴⁵ De modo que, quando ele demora a distribuí-la, os animais podem continuar magros e fracos demais para serem caçados. Porém, quando sua imagem resolve dançar na floresta, todos eles começam a engordar novamente: macacos, veados, antas, queixadas, mutuns, cujubins, araras e papagaios, e também jabutis e peixes. Assim, quando dormimos em estado de fantasia, saciados de caça gorda, somos nós que encofparamos por efeito da imagem dessa gordura! Bebendo *yākoana*, só uma vez vi esse ser macaco-aranha gigante. Quando ele quer fazer engordar a caça que lhe pertence, apenas sua imagem anda pela floresta. Pelo caminho, ele vai reparando a gordura por todos os animais, por conta própria. Somente os mais antigos xamãs são capazes de chamá-lo para engordar a caça. Eu ainda não sei fazer isso, e não quero fingir. Tentarei quando tiver certeza de conhecê-lo de verdade. Não quero ser como esses xamãs que querem enganar quem os ouve, e ficam se gabando de fazer descer *xapiri* que mal viram e de quem não sabem quase nada!

Os xapiri se movimentam e trabalham na floresta, nas costas do céu e na terra, em todas as direções, inumeráveis e potentes, para nos proteger. Atacam

sem trégua os seres maléficis e as epidemias que querem nos devorar. Limpam o útero das mulheres esterilizadas por substâncias de feitiçaria *xapo kiki*, e copulam com elas para que voltem a ter filhos de seus maridos.⁴⁶ Eles reforçam a floresta quando ela vira outra e quer se transformar de novo. Sem eles, as plantas das roças não cresceriam, as árvores não dariam frutos e a caça ficaria magra. A floresta só teria valor de fome. Eles seguram o céu quando ameaça desabar, contêm a ira dos trovões, afastam as filhas do ser da chuva e prendem os ventos de tempestade; advertem o ser do tempo encoberto e atrasam o do anoitecer. Afastam o espírito da noite e chamam o orvalho, para que a aurora desponha mais depressa. Eles contêm o ser do caos *Xiwáripo*, que quer emaranhar a floresta quando cheira o sangue menstrual das moças que saíram cedo demais da reclusão. Mandam de volta para as costas do céu as cobras e os escorpiões que de lá caíram. Mantêm fechado o espelho dos espíritos onça, para impedi-los de sair da terra, do lugar em que nossos ancestrais encontraram o ovo que lhes deu origem. É verdade, as onças nasceram de um ovo! No primeiro tempo, foi encontrado boiando na água, por velhas que tinham ido coletar caranguejos e camarões num igarapé. Curiosas, aproximaram-se dele e ouviram que emitia um rugido surdo. Carregaram-no num cesto até sua casa, onde nossos ancestrais, perplexos, por fim o cozinharão e comeram. Porém, sem pensar, jogaram os pedaços da sua casca na floresta, que se transformaram e se espalharam por toda a floresta como onças!

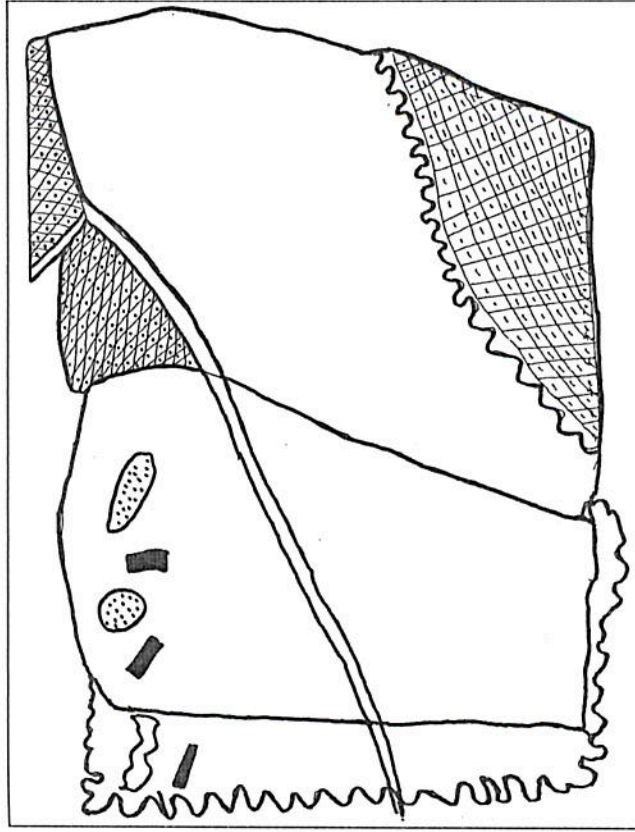
Assim é. Os *xapiri* nos protegem contra todas as coisas ruins: a escuridão, a fome e a doença. Afastam-nas e combatem-nas sem descanso. Se não fizessem esse trabalho, nós daríamos dó! O vendaval, os raios e a chuva não nos deixariam um momento de trégua; a cheia dos rios inundaria a floresta continuamente. Ela ficaria infestada de cobras, escorpiões e onças, invadida pelos seres maléficis das epidemias. A noite envolveria tudo. Teríamos de ficar escondidos em nossas casas, esfomeados e apavorados. Começaríamos, então, a virar outros, e o céu acabaria caindo novamente. Por isso nossos ancestrais começaram a fazer dançar os *xapiri* no primeiro tempo. Sua preocupação, desde sempre, foi proteger os seus, como *Omama* havia ensinado ao seu filho. Nós apenas seguimos suas pegadas. Os xamãs yanomami não trabalham por dinheiro, como os médicos dos brancos. Trabalham unicamente para o céu ficar no lugar, para podermos caçar, plantar nossas roças e viver com saúde. Nossos maiores não conheciam o dinheiro. *Omama* não lhes deu nenhuma palavra desse tipo.

O dinheiro não nos protege, não enche o estômago, não faz nossa alegria. Para os brancos, é diferente. Eles não sabem sonhar com os espíritos como nós. Preferem não saber que o trabalho dos xamãs é proteger a terra, tanto para nós e nossos filhos como para eles e os seus.



da floresta. Trata-se também de fumaça de metal, fumaça de epidemia. Jamais tínhamos cheirado tal coisa antes da chegada dos brancos. Nós somos outros. Nossa carne não tem marcas de vacina e não temos remédio contra as epidemias *xawara*. Nossos antigos sempre foram protegidos das doenças pelo frescor da floresta. Somos de outro sangue. Nunca vivemos, como os brancos, em terras ardentes e sem árvores, percorridas por máquinas em todo lugar. No primeiro tempo, nossos maiores viviam sozinhos na floresta, longe das mercadorias e dos motores. Essas fumaças de epidemia têm um cheiro ruim que cortou o sopro de vida deles. Desde que as respiraram, morreram todos, uns após os outros. E, ainda hoje, as gentes das terras altas continuam morrendo disso.⁵⁶ Eu gostaria de ter dito aos brancos, já na época da estrada: "Não voltem à nossa floresta! Suas epidemias *xawara* já devoraram aqui o suficiente de nossos pais e avós! Não queremos sentir tamanha tristeza de novo! Abram os caminhos para seus caminhões longe da nossa terra!". Mas não ousei me dirigir a eles. Eu ainda era jovem demais e tinha pouco conhecimento. Não sabia o que é defender a floresta. Não sabia como fazer ouvir minha voz nas cidades. Foi apenas mais tarde, depois de a estrada ter rasgado a floresta, que comecei a pensar com mais firmeza. Comecei a sonhar cada vez mais com a floresta que *Omama* criou para nós e, pouco a pouco, suas palavras aumentaram e se fortaleceram dentro de mim.

14. Sonhar a floresta



A floresta retalhada.

O índio Davi Xiriana Yanomami, que fala e compreende o português, chamou nossa atenção [...] Nós conversamos com ele por um bom tempo e ele demonstrou plena consciência do mundo para além da região à sua volta, assim como da necessidade de estudar.

A. M. da Paixão, 1977
Antropóloga da Funai

Um dia fui de caminhonete com Amâncio do posto Ajarani, onde trabalhamos, até o fim da nova estrada. Chegamos assim, pela primeira vez, ao sopé dos grandes morros de pedra que chamamos de *Watoriki*; a Montanha do Vento, e os brancos chamam de serra do Demini. Lá encontramos os alojamentos de um antigo canteiro de obras. Tudo estava abandonado desde o último tempo das chuvas. Amâncio gostou muito do lugar, porque a floresta lá é muito bonita, e logo declarou, animado: “Vamos abrir um novo posto aqui e sair do Ajarani!”. Contudo, não havia naquela época nenhuma casa yanomami na região. A floresta ao redor era silenciosa. Só havia sinais de uma antiga roça abandonada, destruída pelo avanço das obras da estrada. Apesar do vazio daquela floresta, Amâncio resolveu instalar lá um novo posto da Funai. Deu-lhe o nome de posto Demini¹ e prometeu atrair para perto dele Yanomami de outras florestas. Então limpamos tudo, para ocupar as casas abandonadas. Depois, como era época de seca, começamos a abrir uma roça grande, para alimentar nossos futuros convidados. Um pouco mais tarde, plantamos nela brotos de bananeira e cana-de-açúcar, que trouxemos do posto Ajarani. Muitos outros agentes da Funai vieram nos ajudar e todos trabalharam sem descanso sob as ordens de Amâncio.²

Passado um certo tempo, gentes dos rios Catrimani, Ajarani e Toototobi começaram a fazer visitas regulares ao novo posto. Mas essas visitas não bastavam para Amâncio. Ele queria mesmo é que um desses grupos mudasse para a região do Demini. Assim, acabou me pedindo para chamar primeiro o pessoal de uma aldeia muito longe dali, perto da missão dos Padres, no rio Catrimani, os *Opiki t^hëri*.³ Apesar da distância, aceitaram o convite e vieram construir uma nova casa perto do posto. Prometeram se instalar lá definitivamente, apesar de, no final, não terem feito nada disso! Na verdade, eles nunca pararam de ir e vir entre o Demini e sua antiga casa do Catrimani. A nova floresta na qual tinham vindo se instalar os deixava inquietos, pois era de fato muito distante da sua.

Temiam as gentes dos rios Toototobi e Mapulau, que lhes eram hostis e moravam a poucos dias de caminhada. A desconfiança não era infundada: algum tempo depois de terem se estabelecido no Demini, guerreiros de Toototobi conduziram uma incursão até o posto, para vingar a morte de um dos seus. O homem tinha adoecido na volta de uma festa *reahu* na casa de *Hewë nahipi*, no rio Jundiá, para a qual os *Opiki t^hëri* também tinham sido convidados. Os do Toototobi logo os acusaram de tê-lo matado com uma substância de feitiçaria *paxo uku* espalhada numa das cabças de mingau de banana que ele bebeu.⁴ Por pouco esses guerreiros de tocaia na floresta não flecharam os *Opiki t^hëri* bem no meio do posto Demini! Só desistiram por causa da presença dos brancos ao lado dos Yanomami que pretendiam atingir.

Mas além disso outra coisa não ia bem com eles. O grande homem dos *Opiki t^hëri* era muito velho e tinha várias mulheres.⁵ Era muito ciumento e costumava ficar bravo por causa da mais nova. Quando isso acontecia, ele às vezes saía do posto com os seus por algum tempo. Assim, certo dia, ao amanhecer, vários de seus filhos vieram a mim com palavras feias. Estavam todos exaltados, me acusando de namorar com a jovem esposa do pai deles, que tinha se mudado, na véspera, para um dos alojamentos da Funai: “Você trabalha com os brancos, mas seu pensamento está cheio de esquecimento! Você está comendo a vulva dessa mulher, por isso a está escondendo! Você é ruim!”. Foi o que me disseram. Mas era tudo mentira. A verdade é que ela queria largar do marido velho e só tinha se refugiado no quarto dos seus dois irmãos que trabalhavam no posto Demini. Os filhos de seu esposo, no entanto, pensavam que eu tinha atraído lá para mim! Depois disso, eu também fiquei irritado e respondi: “Tudo isso não passa de mentira! Os irmãos dessa mulher estão cuidando dela. Não pensem que ela veio para o posto por minha causa!”. Mas eles estavam tão tomados pela raiva que foram embora pouco tempo depois, com o pai e toda a sua gente, de volta para sua antiga floresta do rio Catrimani. Nunca mais voltaram.

Após a partida dos *Opiki t^hëri*, foi a vez de o grupo dos sobreviventes de *Werihî sîhipi u* se aproximar do posto Demini. Era o pessoal de meu futuro sogro. Eles me conheciam bem, do tempo em que eu estava com Chico no posto do rio Mapulau. Os outros, aqueles que tinham queimado o posto da

Funai, ficaram na sua antiga casa de *Hapakara hi*, lá onde a epidemia *xawara* os tinha atingido um pouco antes, na região do alto Lobo d'Almada. Havíamos visto passar duas estações de chuvas desde que os brancos tinham parado de trabalhar na estrada. Homens de Toototobi voltando do posto Demini tinham informado os de *Werihî sîhipi u* de que eu tinha começado a trabalhar com a gente da Funai. Eles nunca tinham chegado perto do antigo canteiro de obras da estrada quando os brancos estavam trabalhando. Mas, como a floresta tinha recuperado seu silêncio, decidiram vir me visitar. O irmão mais novo de minha futura esposa foi seu primeiro emissário. Viu que os *Opiki t'ëri* tinham deixado o lugar e que só moravam no posto o pessoal da Funai e alguns Yanomami que trabalhavam lá como eu. Eu disse a ele que o chefe do posto, Amâncio, gostaria que seu pessoal viesse se instalar na região. Então, ele retornou com essas palavras para casa.

Pouco tempo depois, foi seu pai que veio até o Demini. Estava acompanhado por dois rapazes. Foi sua primeira visita.⁶ Naquele tempo, ele era robusto e ainda viajava muito. Tinha aberto um caminho novo na floresta, desde sua casa de *Werihî sîhipi u* até a estrada. Em seguida, vieram por ela até a serra *Watoriki*. Desde que Chico tinha abandonado o posto Mapuláu, não havia mais brancos naquela floresta, e os de *Werihî sîhipi u* não tinham mais mercadorias e se sentiam desprovidos. Por isso, meu futuro sogro tinha vindo buscar sal, anzóis e ferramentas no novo posto da Funai. Ele também estava muito preocupado, porque os visitantes de outras casas andavam levando para a casa dele muitas doenças de branco.⁷ Declarou para mim: "Não queremos mais viver sozinhos na floresta, precisados de tudo. Também não paramos de ser atacados pela epidemia *xawara*. Agora queremos mudar para perto dos medicamentos dos brancos". Respondi a ele: "Essas são palavras sábias! Venham se instalar perto daqui, poderemos tratar e ajudar a sua gente!".

Foi assim que aconteceu. É verdade que Amâncio tinha pedido que eu o convidasse para se aproximar do posto Demini. Mas ele só concordou porque já tinha decidido vir para mais perto! Agora era o grande homem de sua casa. Seu irmão mais velho e quase todos os seus tinham sido devorados pela epidemia do helicóptero e depois pela do padre da missão Catrimani. Achava que toda aquela mortandade tinha de parar. Não queria que sua floresta envelhecesse só, vazia e silenciosa, coberta de ossadas perdidas de seus parentes. Por isso tinha decidido abandonar sua roça do rio Mapuláu e se acercar da Funai,

perto da serra *Watoriki*. Mas não se estabeleceu logo perto do posto. Primeiro se instalou com os seus a um dia de caminhada, na margem do rio *Haranari u*, onde o traçado da estrada termina. Abriram lá uma nova roça e começaram a construir uma casa pequena. Contudo, antes mesmo de comerem as bananas que tinham plantado,⁸ abandonaram essa casa e construíram uma nova, um pouco mais perto de *Watoriki*. Depois de algum tempo, avançaram mais em direção ao posto e, dessa vez, construíram uma casa muito maior, e depois outra e outra ainda, cada vez mais perto. Por fim, tornaram-se, desde então, os *Watoriki t'ëri*, a gente da Montanha do Vento.⁹

Mas, antes de deixar o rio Mapuláu, o grande homem da gente de *Werihî sîhipi u* já tinha me prometido uma de suas filhas em casamento. Quando fazia algum tempo que eu estava trabalhando no posto Demini, decidi tirar uma folga para ir visitar meus parentes em Toototobi. Sentia saudade de minha irmã, que ainda morava lá, e, apesar de estar órfão, ainda tinha lá umas tias maternas que eu chamava de mãe e de quem também tinha saudades.¹⁰ E assim me pus a caminho para essa longa viagem. Andei vários dias e dormi várias noites na floresta. Então fiz uma parada na casa do rio Mapuláu, onde ainda vivia meu futuro sogro. Mas ele não estava. Tinha viajado fazia algum tempo para as terras altas, convidado para uma festa *realhu* oferecida pelos seus que ainda moravam na antiga casa de *Hapakara hi*, no alto rio Lobo d'Almada. Apenas sua mulher e seus cunhados tinham ficado em *Werihî sîhipi u*. Dormi lá e seguí viagem no dia seguinte. No final, depois de mais uma noite na floresta, cheguei a Toototobi. Lá também estavam acontecendo preparativos para uma festa *realhu*, dessa vez numa das casas do pessoal de *Sina t'a*. Emissários acabavam de ser despachados para convidar os habitantes de *Hewë nahipi*, no rio Jundiá, e os de *Hapakara hi*, que tinham acabado de terminar seu próprio *realhu*, entre os quais se encontrava meu futuro sogro. Foi assim que, finalmente, eu o vi chegar a Toototobi, depois de ter me descontrado dele por pouco em *Werihî sîhipi u*! Ele fez sua dança de apresentação com os demais convidados e se instalou na casa de seus anfitriões, na qual eu mesmo estava morando havia pouco.

Agora éramos muitos ali, e todos estavam eufóricos. Bananas-da-terra e pupunhas tinham sido reunidas em abundância. Os caçadores da casa tinham posto para moquear grandes quantidades de macacos-aranha e queixadas. Na

noite seguinte, as mulheres começaram a entoar seus cantos *heri* com muita alegria. Então, um dos grandes homens da casa começou a incentivar os rapazes: “Não sejam covardes! Imitem os modos de nossos antigos! Peguem as moças pelo punho e cantem com elas! Façam *hakimuu*.”¹¹ Desafiados por essas palavras, vários convidados aceitaram. Eu era um deles. Peguei a filha adolecente do grande homem de *Werithi sithipi* u pelo braço e dançamos assim durante toda aquela primeira noite. Depois recomecemos nas duas noites seguintes! Era uma moça bonita, que ainda tinha os seios pontudos.¹² Enquanto se faz *hakimuu*, quando as fogueiras da casa se apagam no meio da noite, muitas vezes os rapazes aproveitam a escuridão para se esgueirar para fora da casa e copular com a parceira. Mas não foi o meu caso, pois a ideia de me tornar pai cedo demais me assustava. Só fiz essas coisas com minha futura esposa bem mais tarde, depois de o pai dela tê-la mandado amarrar sua rede ao lado da minha, quando nos aproximamos de verdade.

Ao cabo de alguns dias, os alimentos do *radhu* de Toototobi acabaram. A festa estava por terminar e se aproximava a hora de partir. Os de *Sina t^ha* então entabularam um diálogo *yārimuu* com seus convidados, antes de trocarem com eles flechas, algodão, miçangas, panelas e facões. Depois entregaram a cada um deles uma provisão de beiju e carne moqueada, para a volta. Os de *Hewē nahipi* e de *Hapakera hi* se prepararam para retornar ao rio Catrimani. Minha folga também tinha terminado e eu decidi ir junto com eles até o posto Demini, onde fariam uma parada antes de voltarem para suas casas. Todos os convidados já tinham desamarrado suas redes e empacotado os objetos de troca que tinham acabado de conseguir. Começamos a sair da casa de nossos anfitriões, um após o outro. Porém, no instante em que a contornávamos para pegar um caminho em direção à floresta, meu futuro sogro me chamou: “Daví, você está indo embora?”. Respondi: “*Awei!* Estou voltando para Demini, trabalhar para a Funai!”. Ele prosseguiu: “Estou pensando em lhe dar minha filha em casamento. Por que você não a quereria como esposa?”. Surpreso, não consegui pronunciar uma só palavra. Os meus, em Toototobi, jamais haviam me dado uma esposa. Ele foi o primeiro a me fazer essa proposta. E insisti: “Pegue-a! Leve-a consigo. Irei ter com vocês mais tarde!”. Então fiquei parado, muito envergonhado, sem saber o que dizer. No fim, consegui responder apenas: “Não sei bem. Aceito ser marido dela, mas só se eu lhe agradar e ela me quiser. Mas talvez já haja um outro homem no pensamento dela? Com certeza

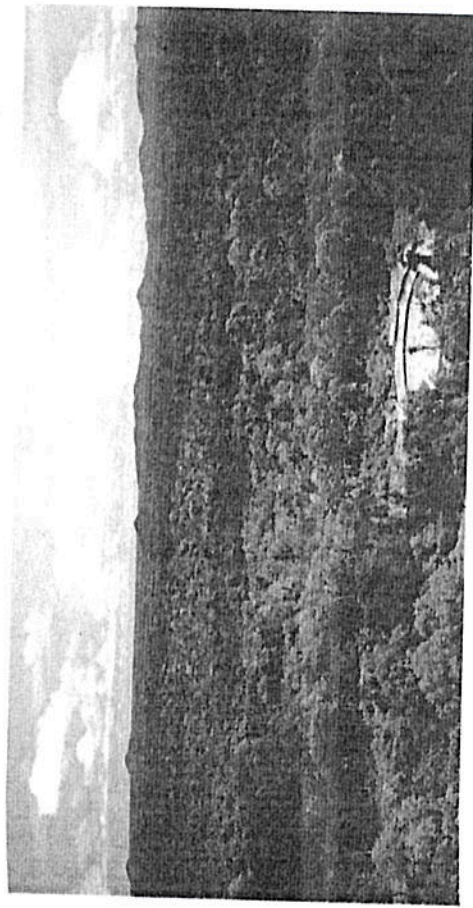
há rapazes de sua casa que a desejam como esposa, não é? Se eu a pegar como esposa no lugar deles, não vão gostar. Recolherão a terra da minha pegada com raiva e a darão a inimigos distante, para que estes a esfreguem com plantas de feitiçaria!”¹³ Ele me tranquilizou sorrindo: “*Ma!* Ninguém vai fazer isso! Ela não tem nenhum marido em vista. Está realmente solteira!”. Eu não sabia mais o que dizer. Sem responder, segui em frente, me juntando aos outros convidados. Fizemos uma última parada na floresta, não longe da casa que tínhamos acabado de deixar, antes de começarmos nossa longa viagem pela mata.

Eu nunca tinha pensado em declarar a meu futuro sogro: “Eu desejo sua filha!”¹⁴ Quero-a como esposa”. Eu não a conhecia nem um pouco. Nunca tinha sequer chegado perto dela antes dessas noites de festa. No entanto, já sentia sua falta. Eu tinha me apegado a ela quando dançamos juntos. E também tinha amizade pelo pai dela. Além disso, ele tinha acabado de ser muito generoso comigo. Tinha me dado a filha por iniciativa própria, sem que eu pedisse nada. Então, eu disse a mim mesmo: “*Hou!* Se eu não responder à oferta dele agora, ele vai ficar bravo comigo e não vou poder revê-lo tão cedo. E se, mais tarde, eu resolver ir até ele pedir a filha, é ele que não vai responder!”. Eu também temia que, diante de minha recusa, começassem a falar mal de mim: “Demos uma esposa ao Daví, mas ele ficou com medo de aceitar! É covarde mesmo! Dá dó de ver!”. Por outro lado, também me preocupava a ideia de que Amanácio, quando eu voltasse ao posto Demini, pudesse me mandar trabalhar longe, nas terras altas ou alhures. Eu não queria tomar esposa e abandoná-la em seguida, como costumam fazer os jovens que pedem uma mulher cedo demais. Não queria tratá-la mal, deixando-a só o tempo todo. Meu pensamento estava mesmo confuso!

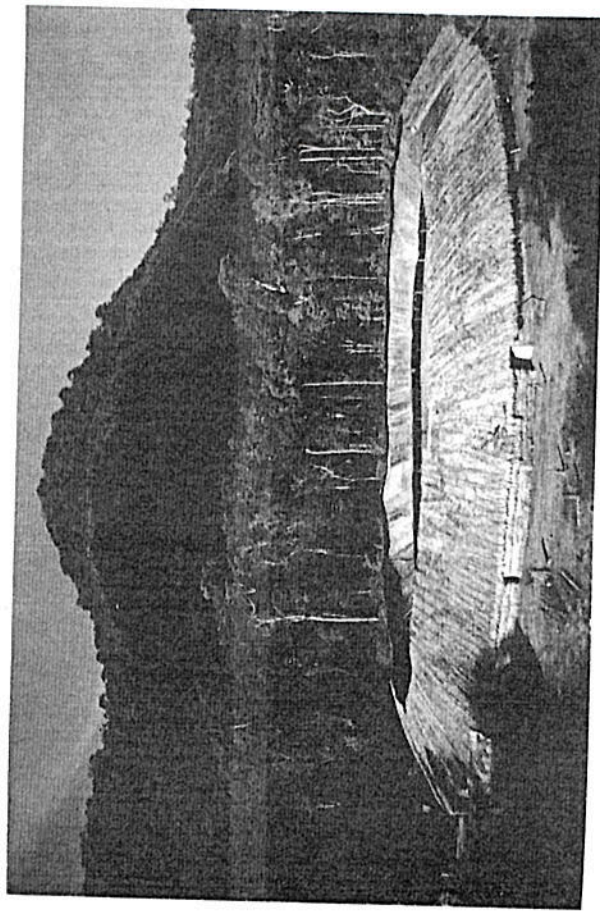
Porém, de repente, resolvi dar meia-volta. Voltei então sozinho à casa dos *Sina t^ha* e declarei a meu futuro sogro: “Se você quer mesmo me dar sua filha, eu a aceito!”. Não me respondeu nada, mas assim que a noite começou a cair, mandou-a amarrar sua rede junto da minha. Então, um dos homens mais velhos da casa dos *Sina t^ha* me encorajou: “Não tenha medo de tomar essa moça por esposa!”. Respondi-lhe: “*Awei!* Não sei o que é estar casado, mas vou tentar!”. Ele retorquiu: “*Ma!* O pai dela a deu mesmo a você, não tem! Você não é um fraco, não deve agir como um medroso! Precisa desposá-la de verdade, não apenas tentar!”. Repliquei: “Não tenho medo! Mas estou preocupado, pois se ficar aqui tempo demais, a Funai vai me despedir! Os brancos

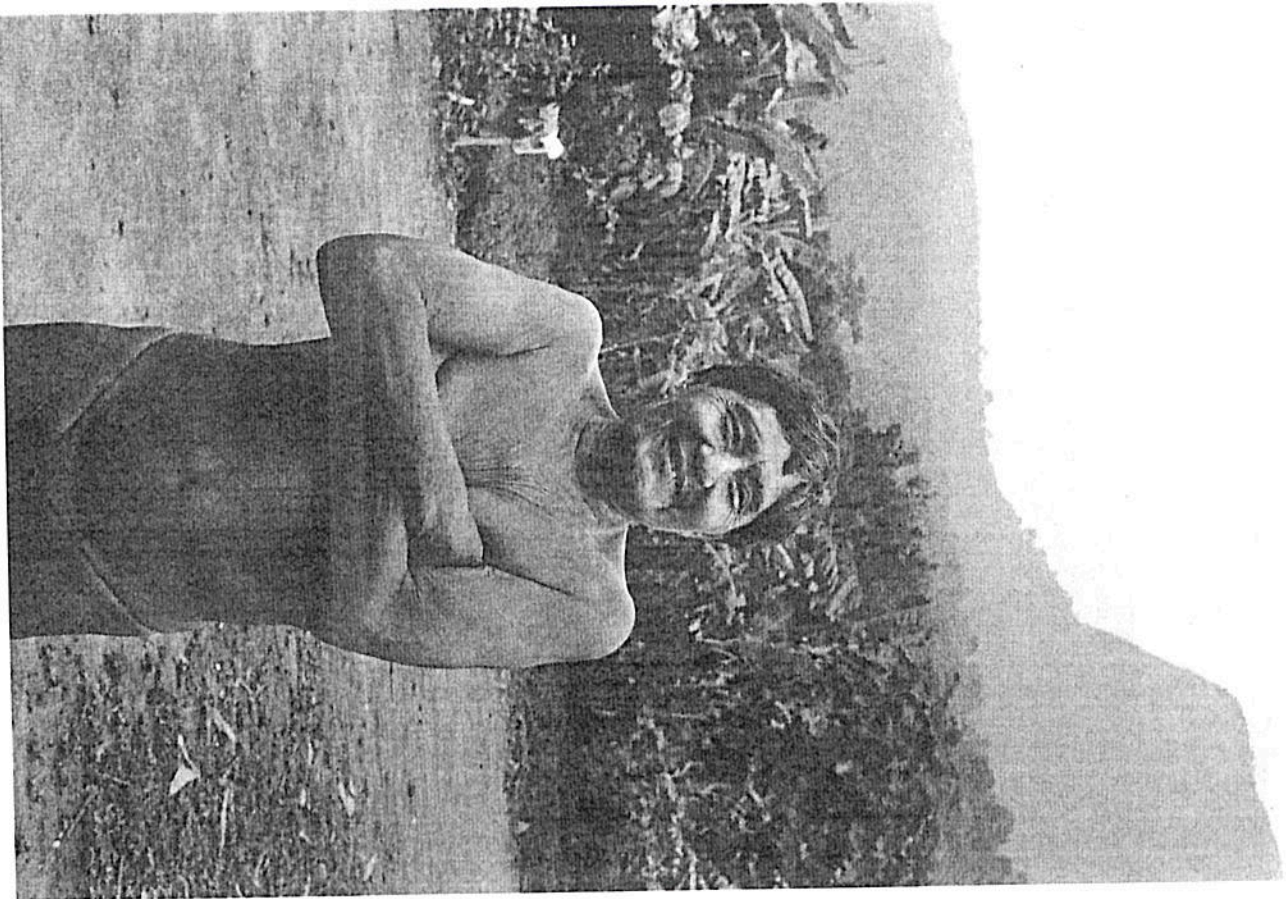
me deram um tempo de folga, como fazem para eles mesmos. Esse tempo acabou, é isso que me deixa ansioso!". Ele continuou me tranquilizando: "Não fique impaciente! Não tenha medo dos brancos! Você voltará para eles depois! Eles esperarão por você, azar deles!". Ao escutar tais palavras, refleti com calma e meu pensamento ficou sereno. É verdade. Eu era jovem e nunca tinha pensado em me casar. Isso me deixava um pouco apreensivo. De fato, desde que eu me tornara adolescente, tinha um pouco de medo das mulheres. Minha mãe e meu padraсто costumavam me prevenir contra elas: "Mãe! Não fique olhando para as moças, é sujo! Se você copular cedo demais, será um mau caçador e jamais poderá se tornar xamã! Espere até ser adulto, e então poderá se casar de verdade!". Por causa disso, eu ainda não tinha me aproximado das moças. Até tentava fugir delas, aliás! Mas então tinha realmente chegado a hora de eu ter uma esposa!¹⁵

Enquanto ainda estávamos na casa do pessoal de *Sina t'a*, emissários dos *Xamat'ari* do rio Jutai vieram convidá-los, por sua vez, para uma festa *reahu*. Meu recém-sogro e os seus então desistiram de voltar para casa e resolveram acompanhar seus anfitriões até essa nova festa. Recém-casado, eu não podia não me juntar a eles, e assim, usemo-nos a caminho, todos juntos. Os homens mais velhos de *Sina t'a* pretendiam enfrentar os *Xamat'ari* numa luta de socos no peito, para aplacar sua raiva contra eles. Mas não me lembro quais eram as queixas nessa querela. Palavras más a seu respeito lhes tinham sido relatadas? Ou talvez alguém tivesse tentado raptar uma de suas filhas? Já não sei. Porém, no decorrer de nossa viagem, os de *Sina t'a* desistiram de lutar. Talvez tenham mudado de ideia devido à minha presença? Seja como for, uma vez instalados nos abrigos na mata, nas proximidades da casa de seus anfitriões, só trocaram palavras de amizade com os emissários que vieram lhes trazer cestos de carne moqueada e beiju. No decorrer do diálogo de convite *hiimuu* que travaram com eles, no entanto, mostraram-se irritados e ansiosos por enfrentá-los. Os homens de *Sina t'a* não reagiram, e inclusive declararam no final, para apaziguá-los: "Mãe! Não queremos brigar! Viemos para comer suas comidas! Queremos fazer nossa dança de apresentação e demonstrar a vocês nossa amizade! Não viemos para socar seu peito!". Assim, no final, a festa *reahu* transcorreu sem nenhum enfrentamento!



Vistas aéreas da grande casa coletiva de *Watoriki* (fotos de W. Milliken, 1993).





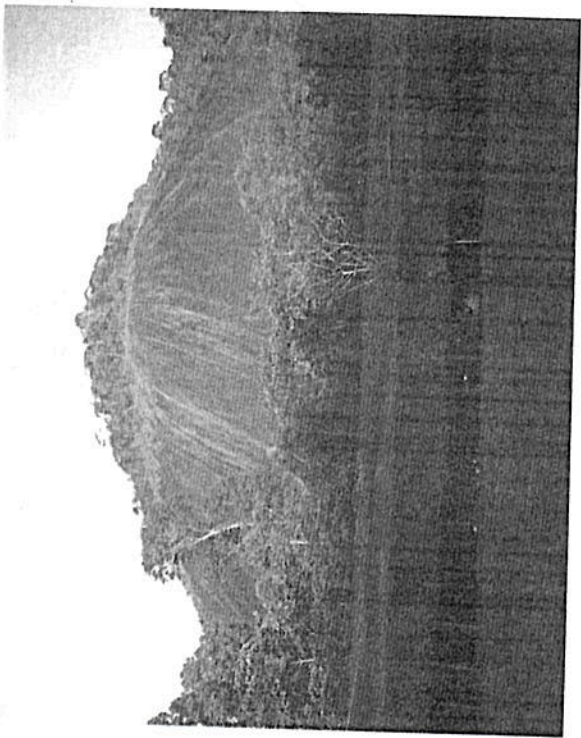
O sogro de Davi Kopenawa, xamã reconhecido e "grande homem" da comunidade de *Watoriki* (foto de R. Depardon-Palmerate et désert, 2008).



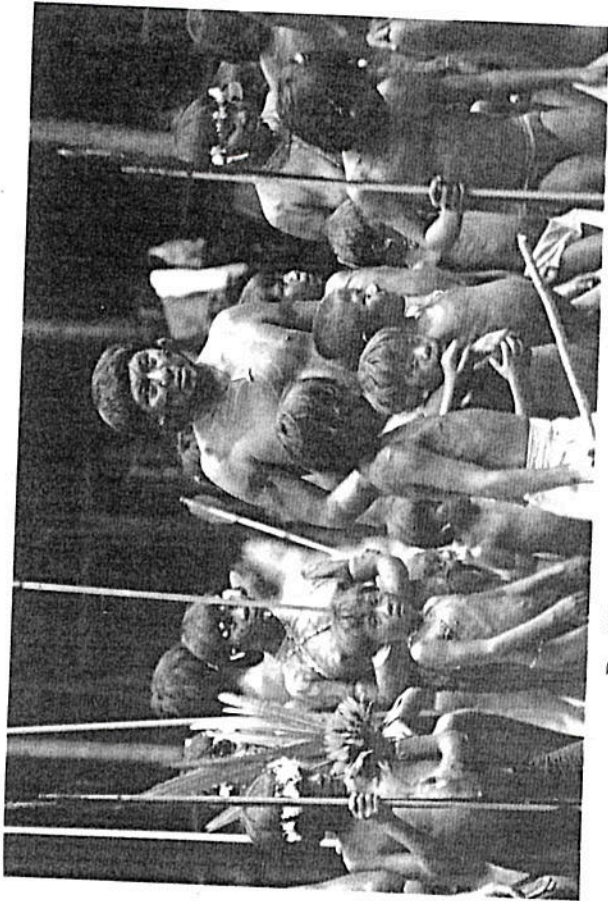
Caçadores de *Watoriki* (foto de R. Depardon-Palmerate et désert, 2002).



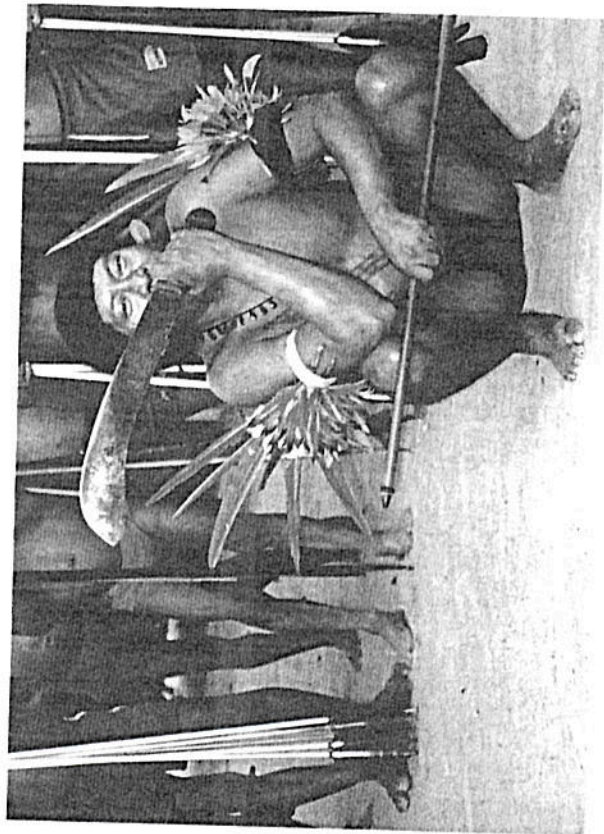
Sessão xamânica em *Watoriki*: Davi Kopenawa abaixo, à direita (foto de C. Andujar, 1986).



Vista interior da casa coletiva de *Watoriki*
(foto de C. René-Bazin, 2002).



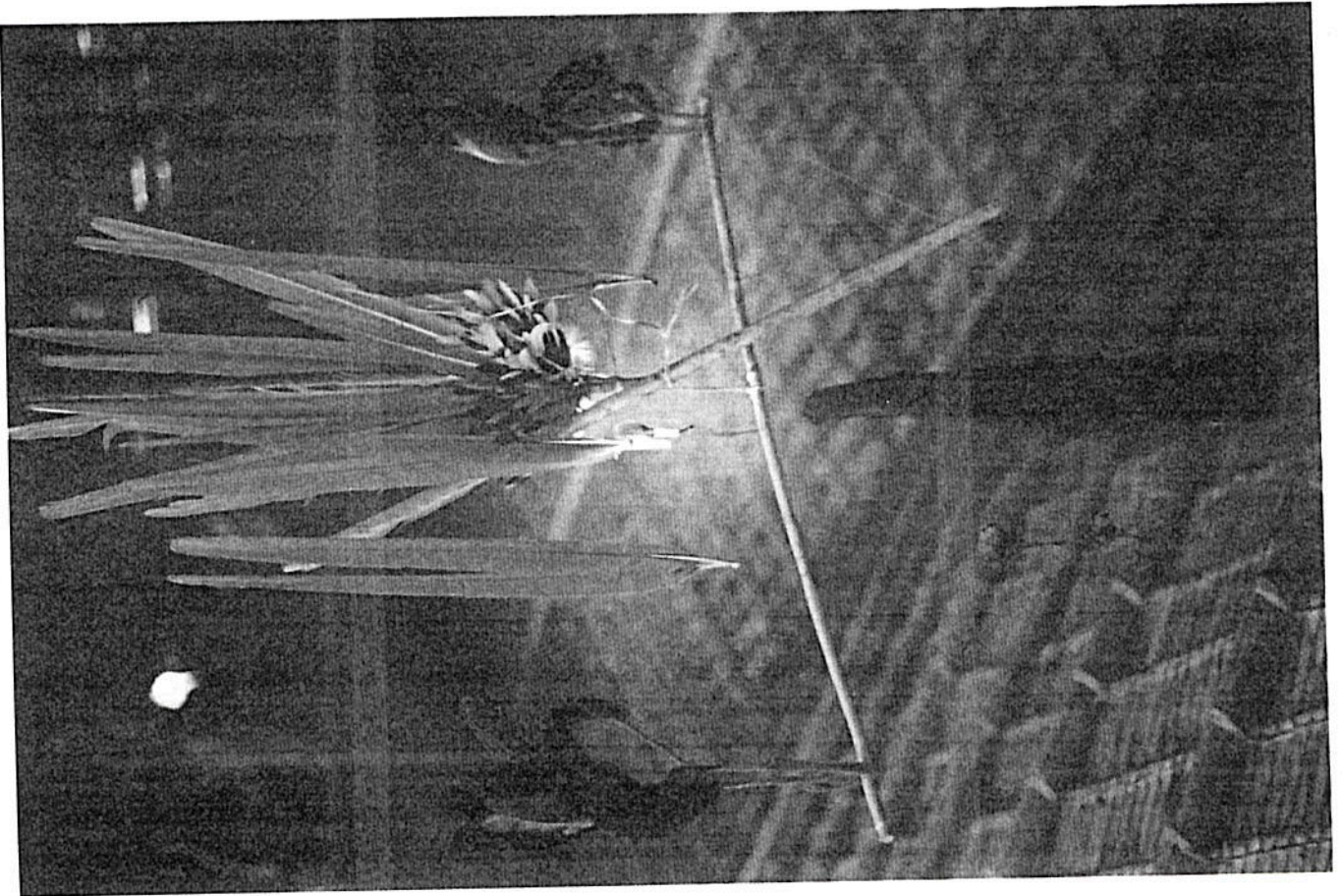
Davi Kopenawa e as crianças de *Watoriki*
(foto de F. Watson-Survival International, 1990).



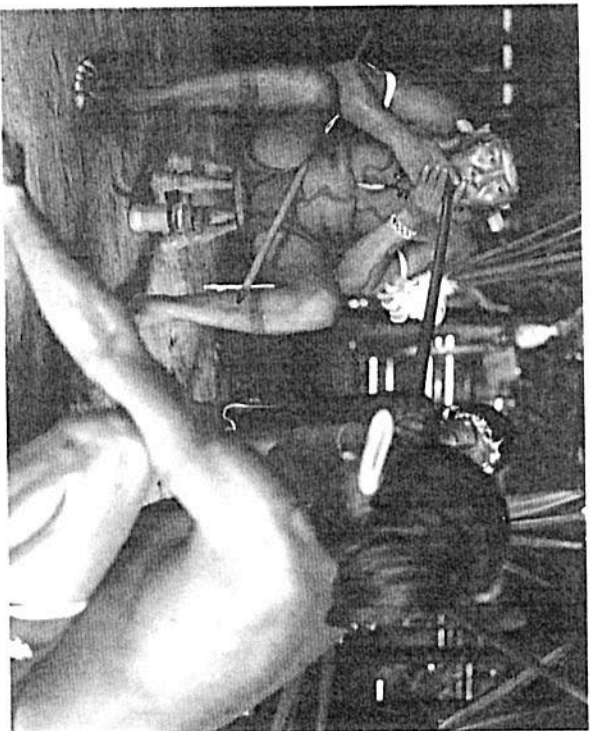
Davi Kopenawa durante uma festa *reahu*
(foto de C. Zacquini, 1995).



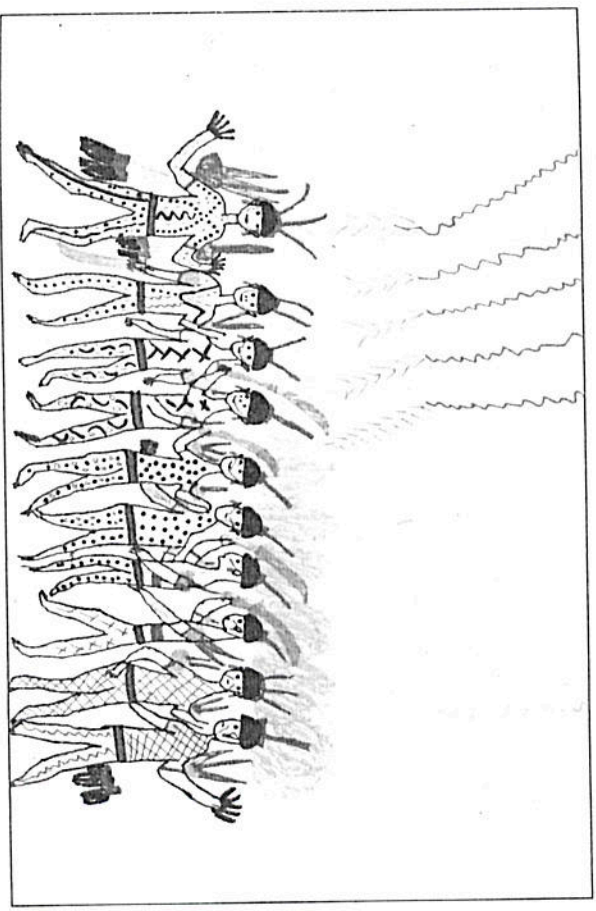
Davi Kopenawa durante uma sessão xamânica
(foto de B. Albert, 1993).



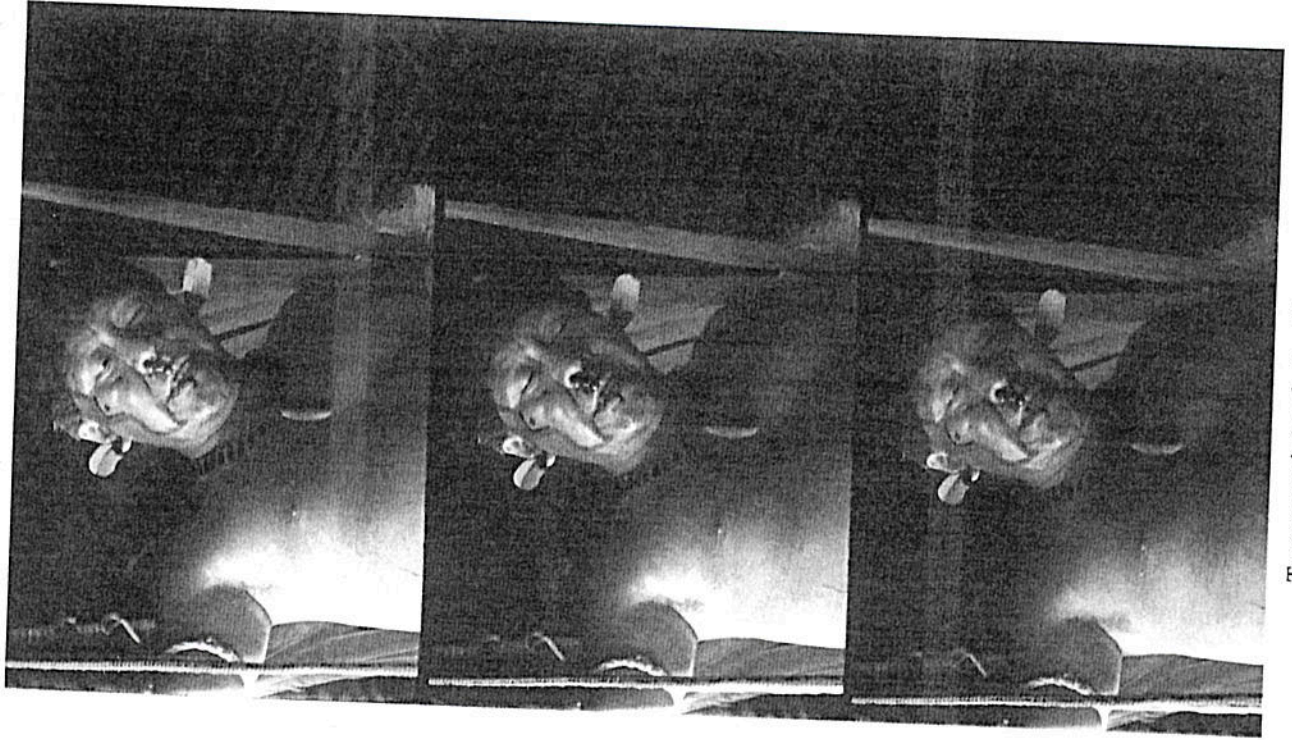
Ornamentos xamânicos de Davi Kopenawa
(foto de W. Milliken, 1993).



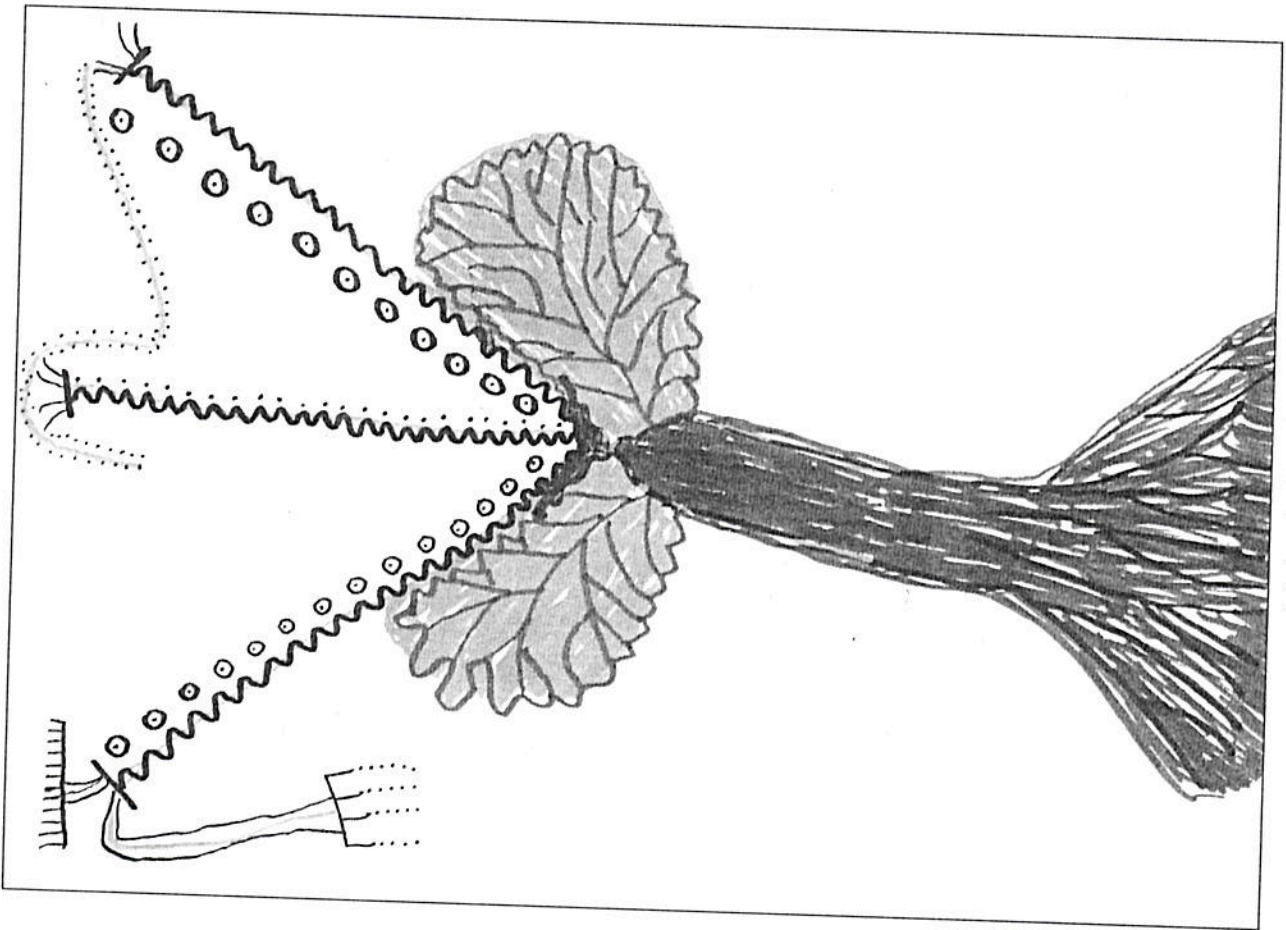
Davi Kopenawa sopra pó de *yákoana* nas narinas
de um jovem xamã de *Watoriki* (foto de C. René-Bazin, 2002).



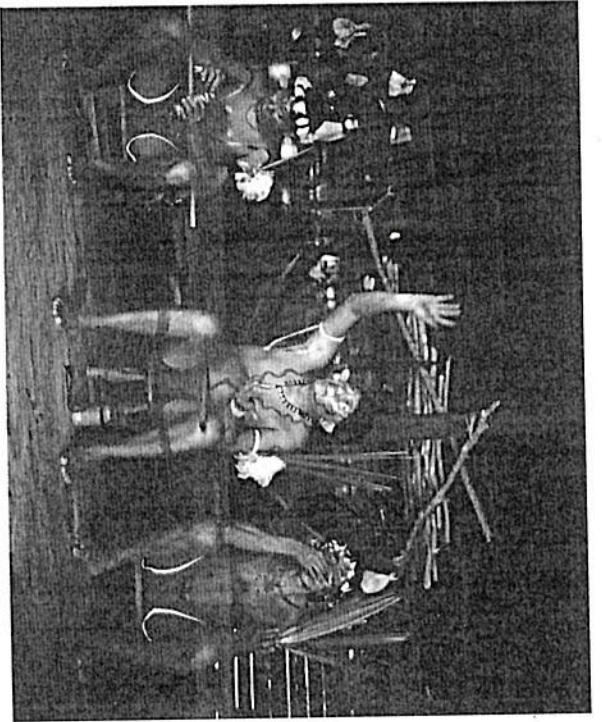
Dança de apresentação dos espíritos xamânicos *xapiri*
(desenho de Davi Kopenawa).



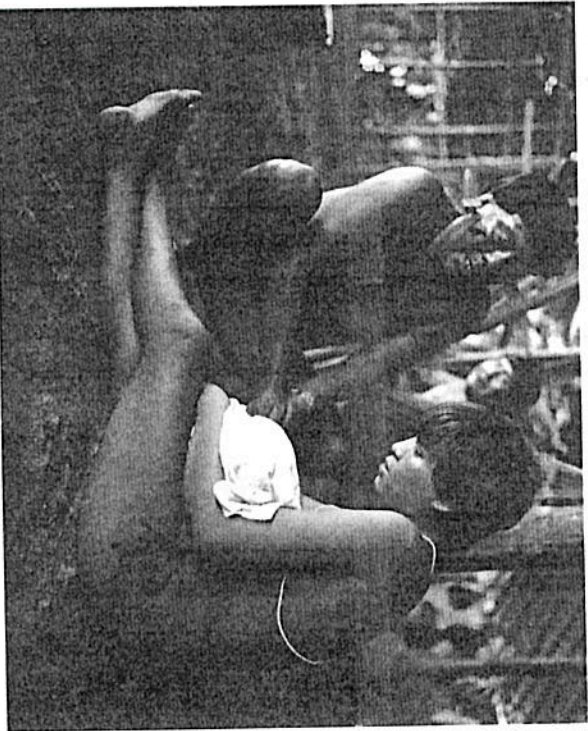
Transe xamânico de Davi Kopenawa
(foto de R. Depardon-Palmeriaie et désert, 2002;
extraído do filme *Chasseurs et chamans*, 2003).



A árvore da chuva *Maa hi*
(desenho de Davi Kopenawa).



Sessão xamânica coletiva em *Watoriki* conduzida por Davi Kopenawa (foto de C. René-Bazin, 2002).



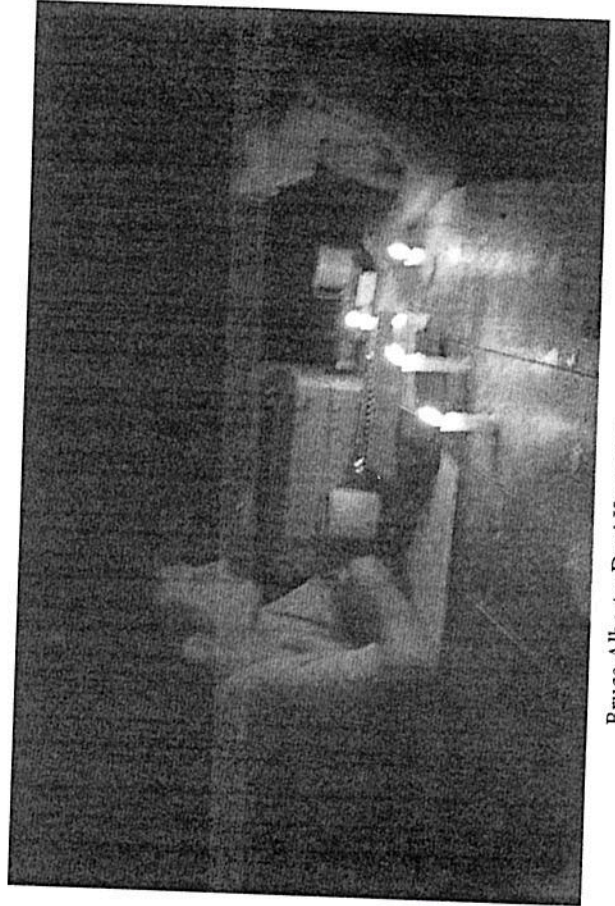
Cura xamânica de um recém-nascido por Davi Kopenawa (foto de C. René-Bazin, 2002).



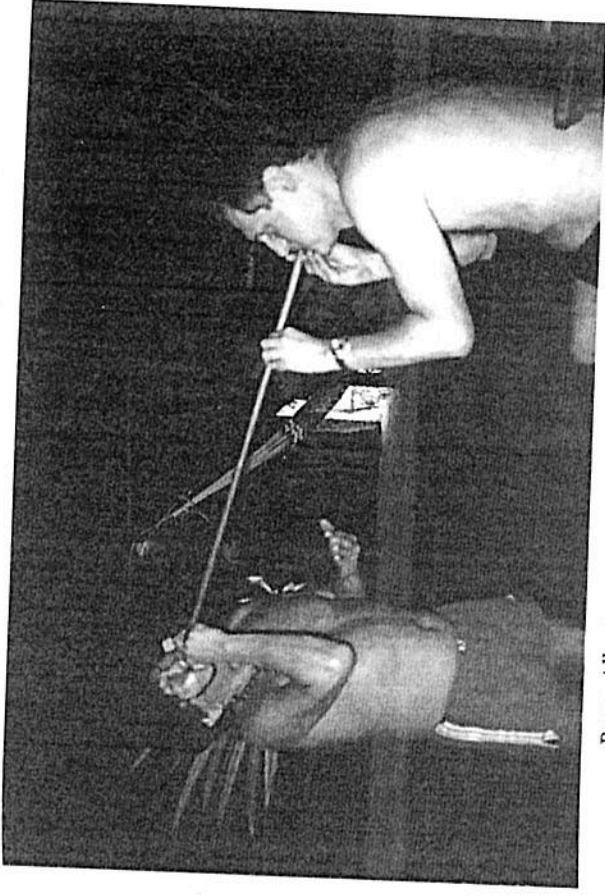
Visão xamânica da floresta, *urthi a* (desenho de Davi Kopenawa).



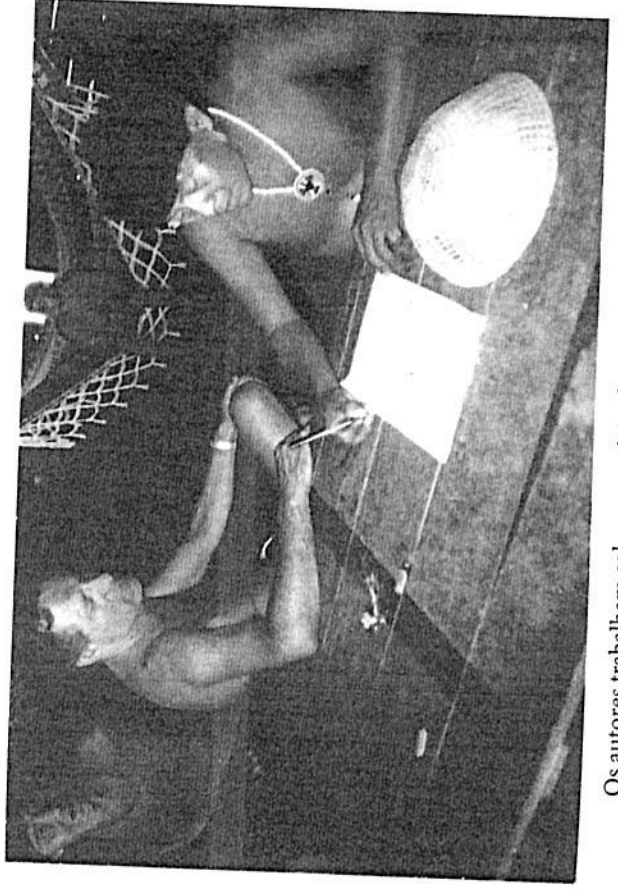
Os autores trabalhando na praça central da casa de *Watoriki* (foto de J.-P. Razon, 1998).



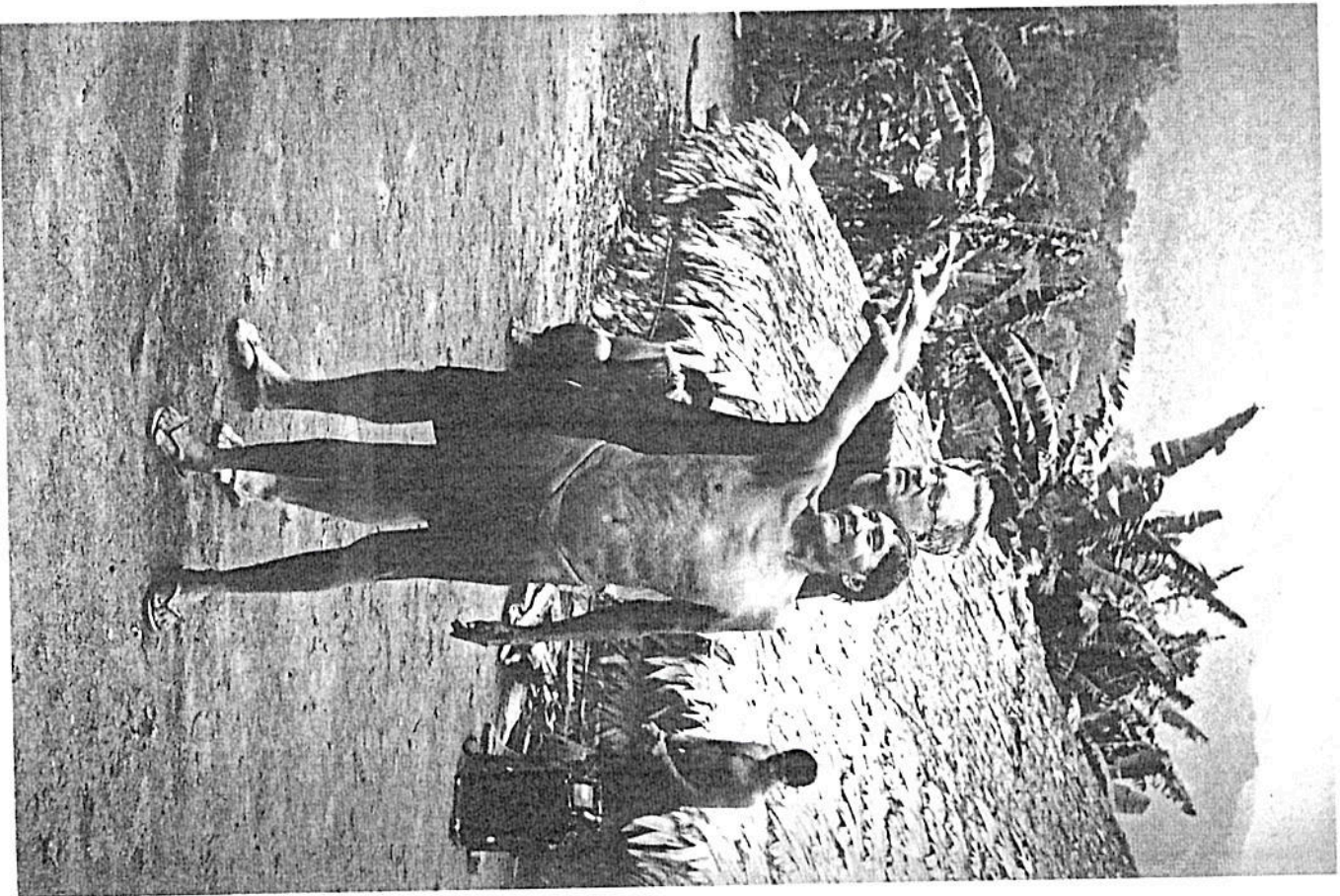
Bruce Albert e Davi Kopenawa: conversas noturnas (foto de A. Rémiche-Martinow-Arquivo B. Albert, 1995).



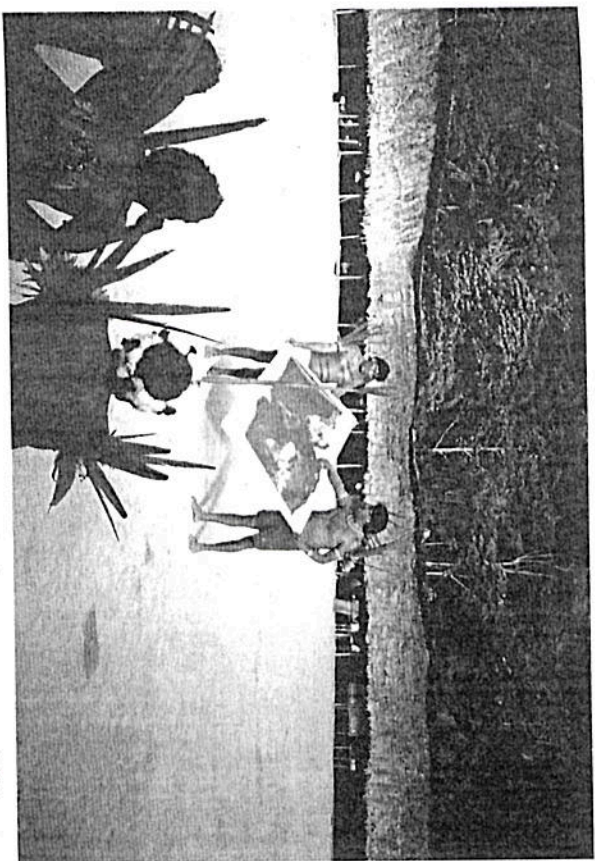
Bruce Albert sopra pó de *yákoana* para Davi Kopenawa (foto de A. Rémiche-Martinow-Arquivo B. Albert, 1995).



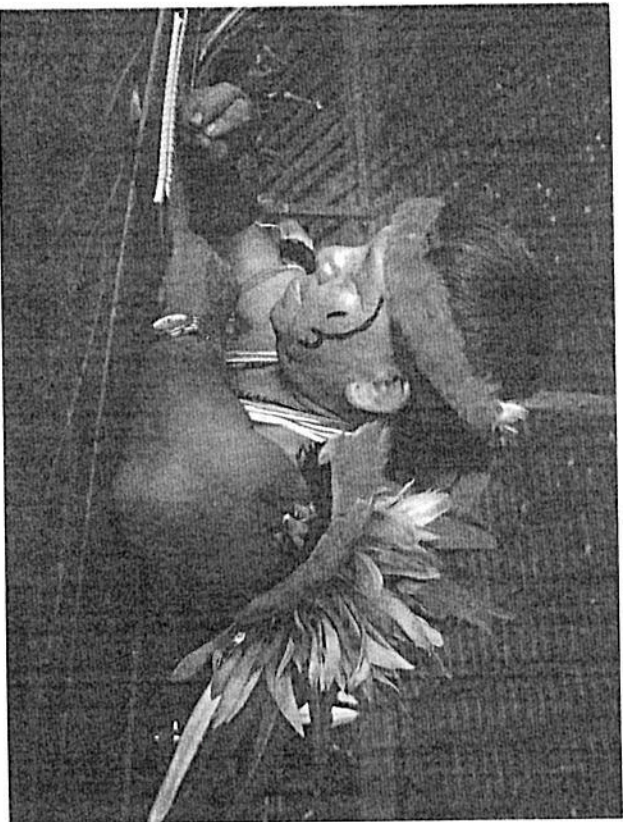
Os autores trabalham sob a supervisão do sogro de Davi Kopenawa, no alto, à esquerda (foto de J.-P. Razon, 1998).



Bruce Albert e o sogro de Davi Kopenawa
(foto de R. Depardon-Palmerie et désert, 2008).



Davi Kopenawa discursa com um mapa-múndi durante uma assembleia
yanomami em *Watoriki*, em dezembro de 2000 (foto de H. Chandès, 2000).

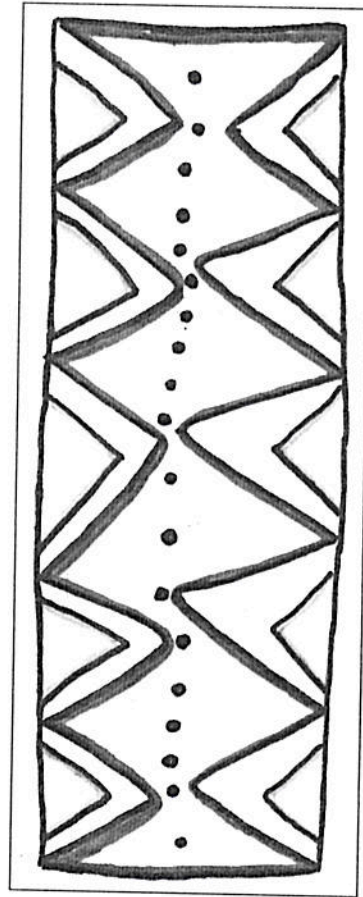


Davi Kopenawa durante a fundação da associação yanomami Hutukara,
em novembro de 2004 (foto de K. Bengtson, 2004).

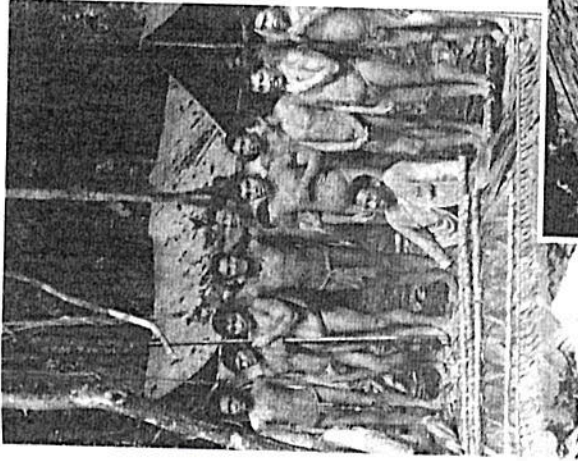


Davi Kopenawa e Bruce Albert: assinatura do contrato da editora Plon/Terre Humaine em São Paulo, em março de 2009.

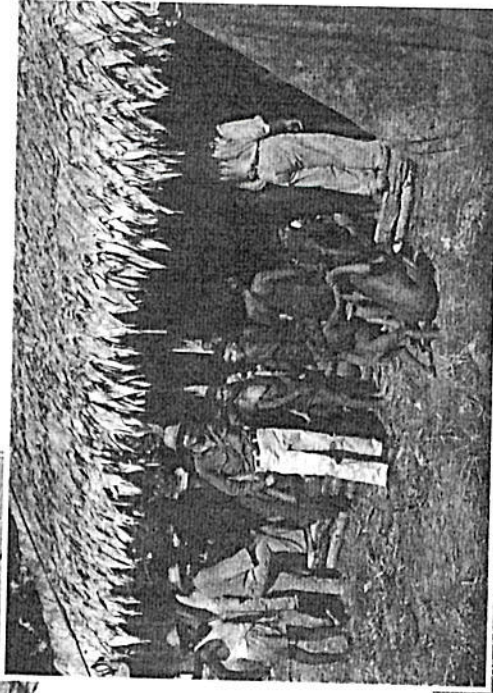
A assinatura ocorreu, simbolicamente, diante de duas obras: *Tristes trópicos* e *Les Derniers Rois de Thulé*, livros inaugurais da coleção Terre Humaine (foto de M. W. de Oliveira, 2009).

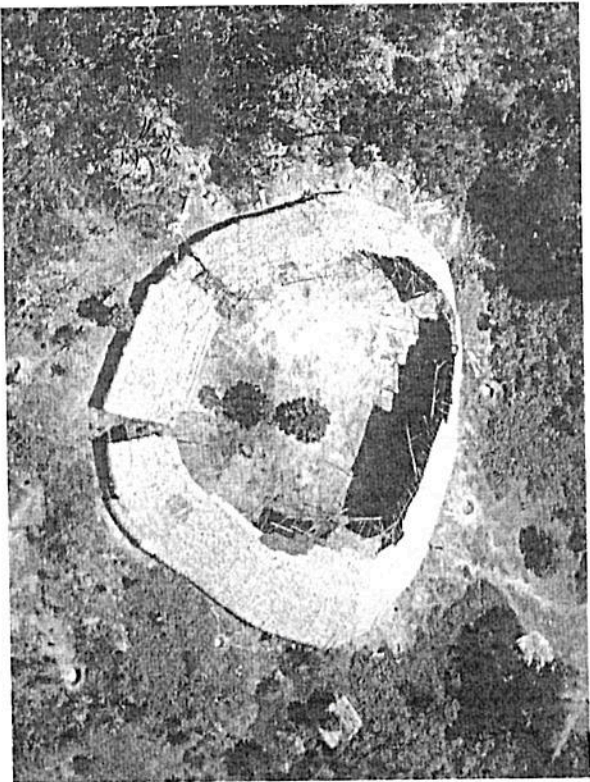


Ornamentos dos espíritos xamânicos xapiri
(desenho de Davi Kopenawa).

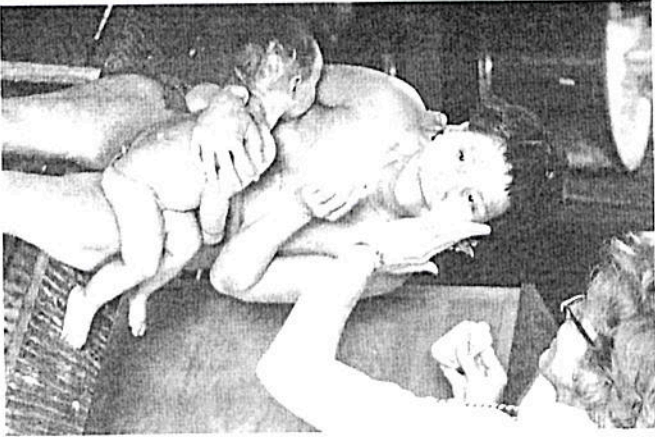


Expedição da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites (CBDL) no alto Demini, no início dos anos 1940 (fotos do arquivo da Primeira CBDL).

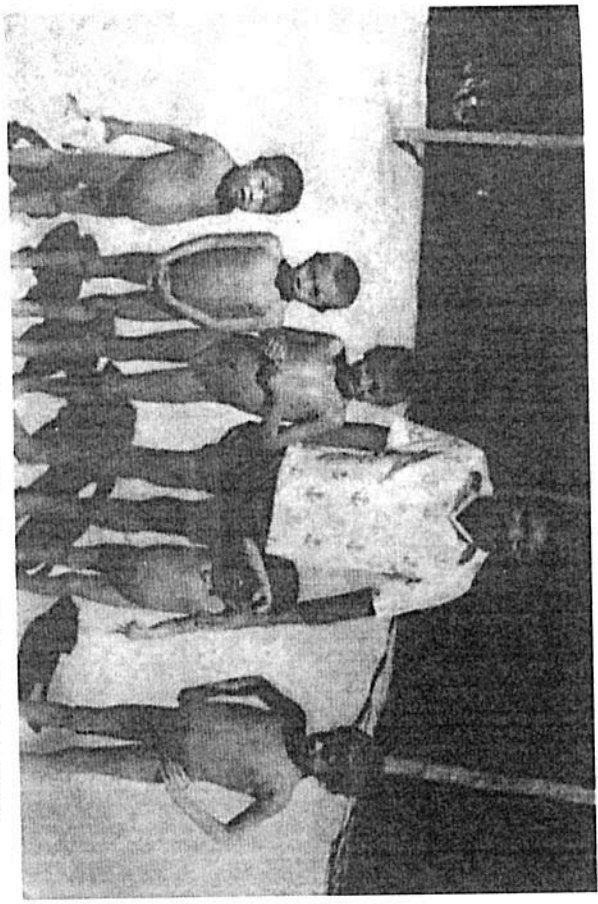




Casa coletiva do grupo de Davi Kopenawa no rio Toototobi, início dos anos 1970 (foto de R. Fuerst, 1972).



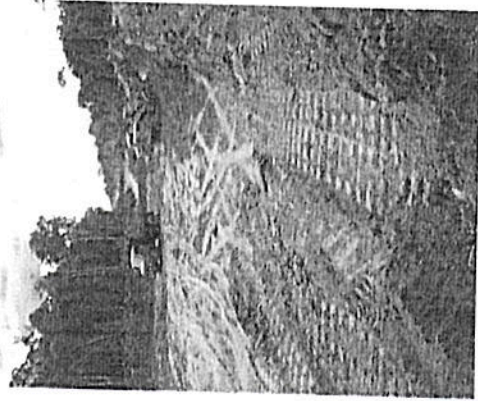
Cuidados dispensados por uma missionária da New Tribes Mission de Toototobi (foto de J. Hemming, 1972).



Davi Kopenawa em visita a Toototobi desde o posto de Ajuricaba, 1972 (arquivo de D. Kopenawa).

Foto da primeira carteira de identidade de Davi Kopenawa, feita por iniciativa da Funai, em 1975 (arquivo de D. Kopenawa).





Abertura da rodovia Perimetral Norte na região do rio Catrimani (foto de B. Albert, 1975).



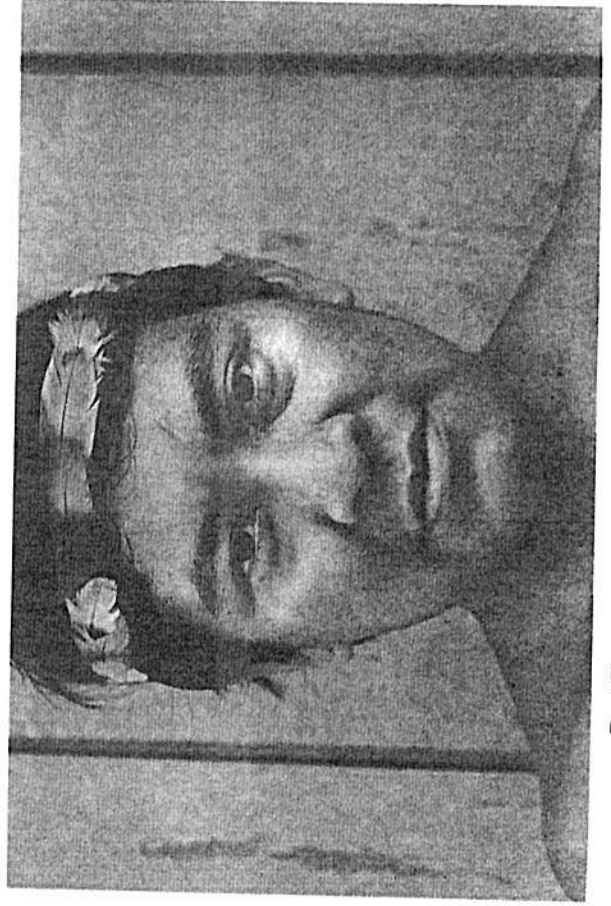
Davi Kopenawa e sua família no posto da Funai de Demini (foto de B. Albert, 1985).



Davi Kopenawa, chefe do posto da Funai de Demini, no rádio (foto de B. Albert, 1985).



Yanomami do alto Catrimani na rodovia Perimetral Norte (foto de B. Albert, 1975).



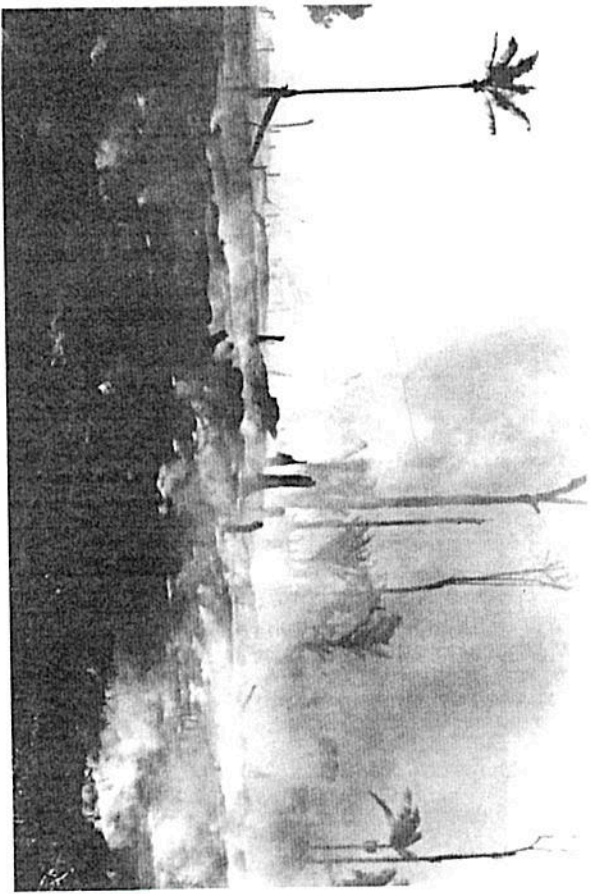
Davi Kopenawa no posto da Funai de Demini durante a primeira assembleia yanomami (foto de C. Andujar, 1986).



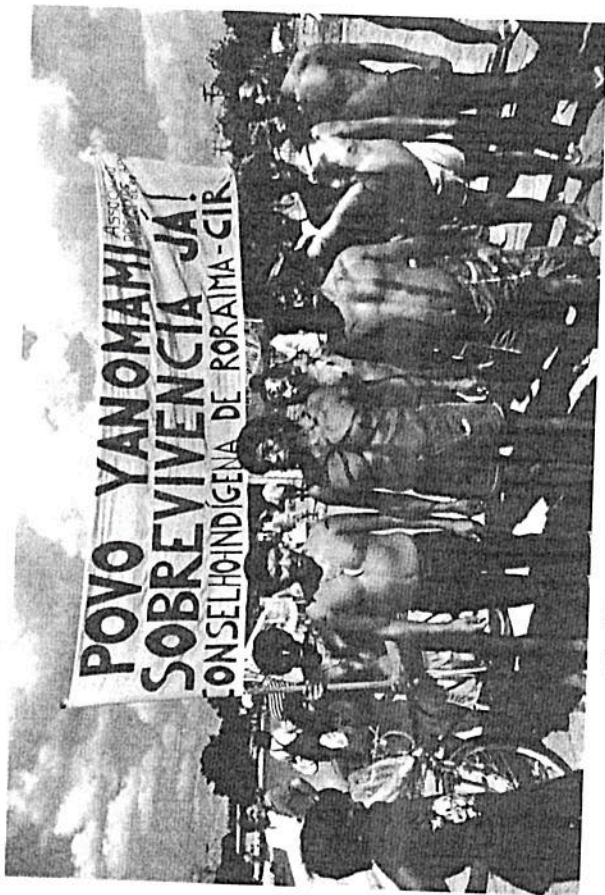
Garimpo de ouro no alto Mucajai
(foto de C. Vincent-isa, 1990).



Mulher e crianças yanomami da região de
Surucucus vítimas de malária e gripe trazidas
pelos garimpeiros (foto de M. Guran, 1991).



Desmatamento e incêndio nos projetos de colonização na fronteira
da Terra Indígena Yanomami (foto de R. Honorato-Folhapress, 1998).



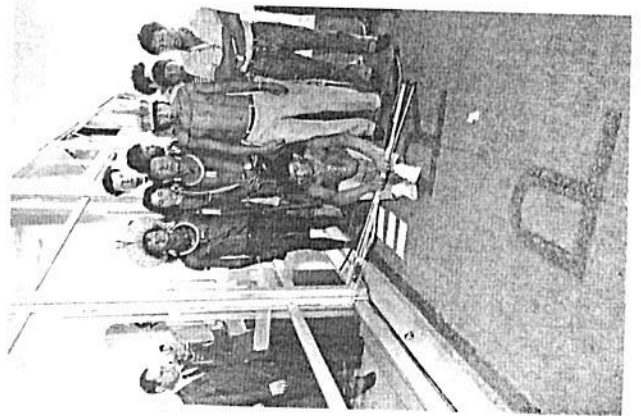
Davi Kopenawa em uma manifestação do Conselho Indígena de Roraima (CIR) contra a invasão das terras yanomami pelos garimpeiros (foto de C. Zacchini, 1989).



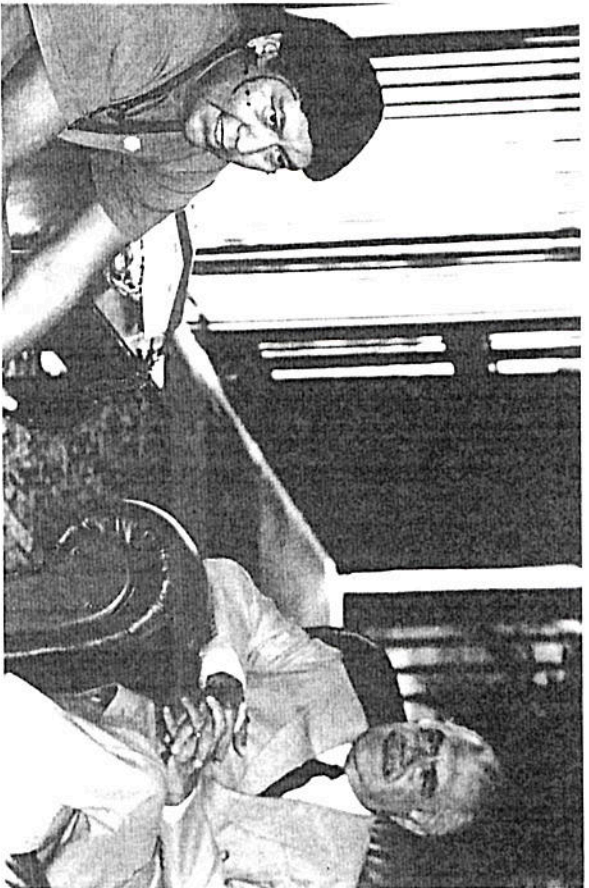
Davi Kopenawa no posto Demini com um enfermeiro do projeto de saúde da Comissão Pró-Yanomami (CCPY) (foto M. de Guran, 1991).



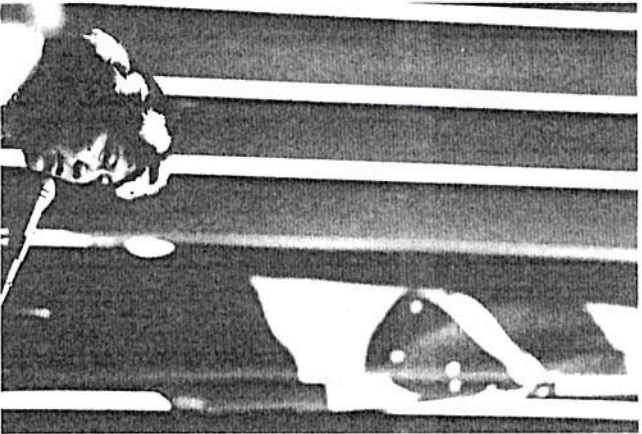
Davi Kopenawa e a Declaração Universal dos Direitos do Homem durante uma visita ao Congresso brasileiro (foto de D. Bentes, 1989).



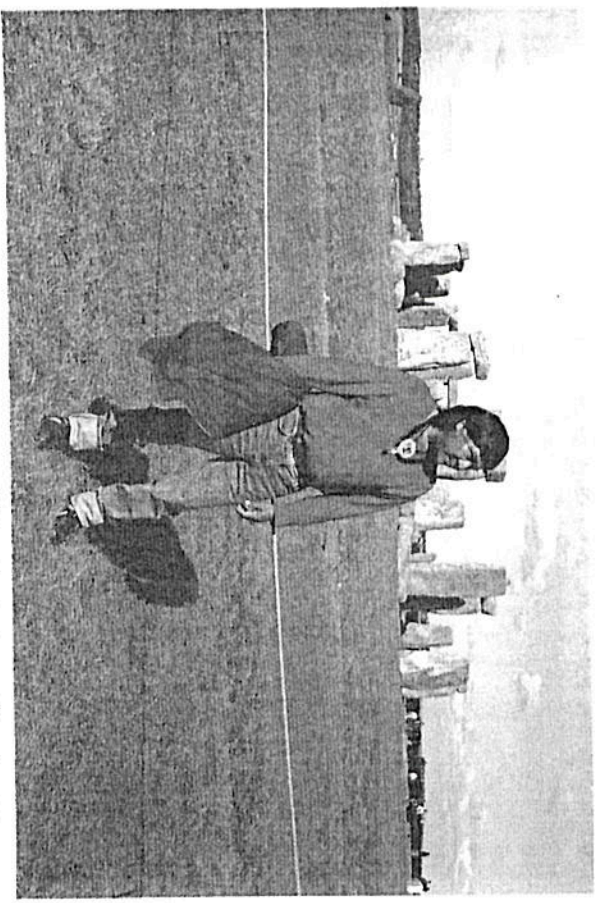
Davi Kopenawa em uma manifestação indígena diante da porta fechada do Palácio do Planalto em Brasília (foto de L. Marques-Folhapress, 1989).



Davi Kopenawa em uma entrevista com o presidente da República, José Sarney (foto de L. Antonio-Agência O Globo, 1989).



Discurso de Davi Kopenawa no Congresso brasileiro por ocasião do recebimento do prêmio Global 500, atribuído pela ONU (foto de C. Andujar, 1989).



Davi Kopenawa em visita aos sítios megalíticos de Avebury e Stonehenge, no Reino Unido, em 1989 e 1991 (foto de F. Watson-Survival International).



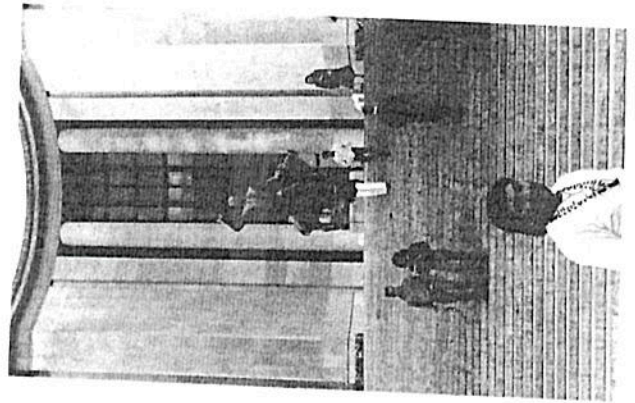
Davi Kopenawa diante do Parlamento britânico (foto de Survival International, 1989).



Davi Kopenawa em Paris, em 1990
(arquivo D. Kopenawa).



Davi Kopenawa no alto do Empire State Building, em Nova York
(foto de F. Watson-Survival International, 1991).



Davi Kopenawa no Museu do
Homem, no Trocadéro, em
Paris (foto de J.-P. Razon, 1990).



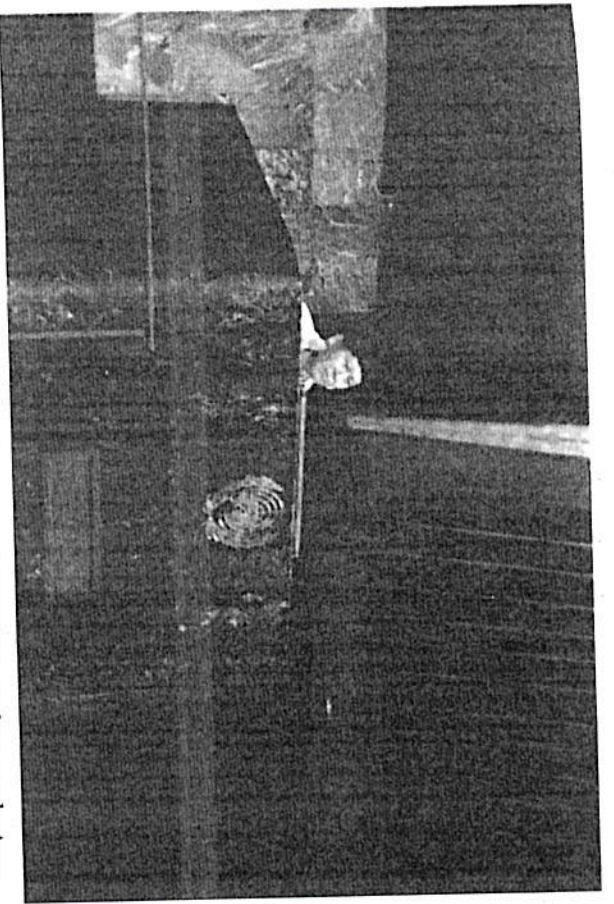
Davi Kopenawa sendo recebido pelo secretário-geral das Nações Unidas,
Javier Pérez de Cuéllar, em Nova York (foto de J. Daher, 1991).



Davi Kopenawa oferece um arco e flechas ao presidente da República, Fernando Collor, durante a cerimônia de homologação da Terra Indígena Yanomami em Brasília (foto de J. Valera-Agência Estado, 1992).



Entrevista de Davi Kopenawa em Brasília sobre o massacre de Haximu (foto de Beto Ricardo-ISA, 1993).



Davi Kopenawa na tribuna das Nações Unidas em Nova York na abertura do Ano Internacional dos Povos Indígenas, em dezembro de 1993 (arquivo D. Kopenawa).



Davi Kopenawa em viagem na Noruega, organizada pela ONG Rainforest Foundation Norway (foto de A. C. Eek, Museu de História Cultural, Universidade de Oslo, 1999).



Davi Kopenawa, presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), durante uma assembleia do Conselho Indígena de Roraima (CIR) (foto de D. Gomes Macário, 2009).



Davi Kopenawa e o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante uma visita oficial a Boa Vista (foto de M. Léna, 2009).

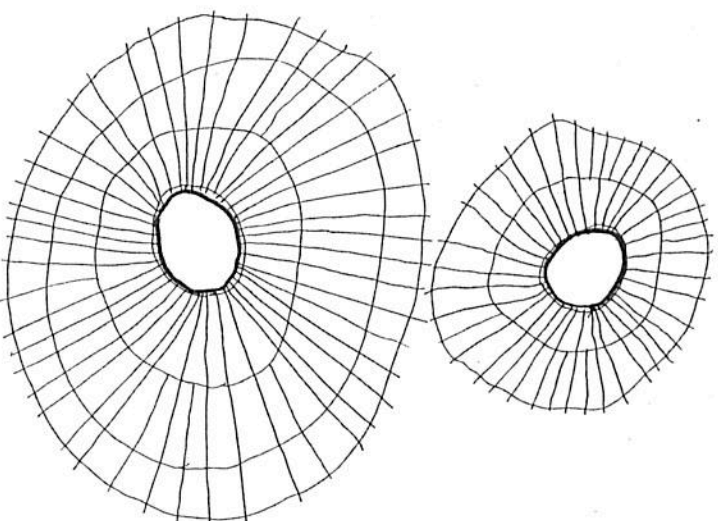
Terminada essa festa entre os *Xamat'ari*, retornamos a Toototobi. Preocupado com minha longa ausência, agora eu queria realmente voltar para o posto Demini. Então, meu sogro declarou: "Leve minha filha com você. Irei me juntar a vocês mais tarde!". Assim, tomei o caminho de volta com minha mulher, acompanhado por um dos irmãos dela e alguns moradores de Toototobi curiosos para conhecer o lugar onde eu trabalhava. Naquela época, o pessoal da Funai me mandava de um lado para o outro de nossa floresta, eu não parava de viajar! Meu sogro tinha me oferecido a filha para eu parar de me deslocar tanto. Tinha me dito: "Agora que eu lhe dei uma esposa, você tem de morar conosco!". Sua intenção era mesmo me manter perto dele. Pouco depois, ele deixou sua casa do rio Mapulaú e começou a se aproximar do posto Demini, no rio *Harani u*. O fato de ter ganhado uma esposa, porém, não fez minhas idas e vindas acabarem. Quando cheguei a Demini, Amâncio não ficou bravo comigo pelo atraso, pois sabia que eu estava com os meus, na floresta. Mas precisava que eu fosse outra vez trabalhar algum tempo no posto Ajarani, no começo da estrada. Então fui e, dessa vez, minha jovem esposa me acompanhou. Naquela época, ela não conhecia nada dos costumes dos brancos. Era como antigamente as filhas de nossos maiores eram. Muito jovemzinha, uma *moko*, e muito acanhada. Sempre fugia assim que um forasteiro tentava falar com ela! Para que ela pudesse ficar no posto da Funai, ensinei-a a se cobrir com um vestido e a comer com garfo. Assim, ficamos juntos no Ajarani por algum tempo. Depois, acabei tendo de levá-la de volta para junto dos seus, pois o pessoal da Funai me mandou de novo para outra região, mais longe.

Naquele tempo, eu ainda atuava como intérprete. Era empregado do posto Demini e sempre voltava para lá. Mas a Funai de Boa Vista sempre me chamava e pedia que eu fosse ajudar brancos que queriam trabalhar na nossa floresta e tinham medo de ficar lá sozinhos. Eram pessoas que nada sabiam dos Yanomami, tinham até medo de ser flechados!¹⁶ Assim, eu me deslocava muitas vezes para acompanhá-los. Trabalhava duro, mas não me queixava. Como intérprete, eu pensava em ajudar mais aos meus do que aos brancos. Dizia para mim mesmo: "Os habitantes da floresta que eu visito em minhas viagens são Yanomami como eu. Devo ficar ao lado deles, ajudando, porque não falam nenhuma outra língua a não ser a nossa. Eles não sabem o que fazer quando brancos chegam às suas casas. Além disso, os médicos não podem tratá-los sem entender o que dizem. De modo que devo continuar esse trabalho!". Todas

essas viagens por nossa floresta e pelas cidades acabaram fazendo com que eu entendesse melhor o que estava ocorrendo com a nossa terra. Graças a essa experiência, pouco a pouco, fui me tornando adulto e ganhando sabedoria. Foi por causa dessas viagens que comecei a pensar: "Você deve proteger sua gente! Precisa defender a floresta!". Antes disso, eu não passava de uma criança e estava muito longe de pensar direito!

Enquanto eu ia e vinha, minha esposa ficava sozinha com o pai. Ele a tinha dado para mim pensando em me fixar, mas eu ainda me ausentava com bastante frequência. Apesar disso, ele não me fazia nenhuma crítica. Pelo contrário, pensava: "Os brancos o escolheram para trabalhar com eles. É por isso que ele viaja muito. Assim seja!". Eu lhe havia explicado meu trabalho: "Eu fiz papéis com o pessoal da Funai. E agora, se não me apresentar quando me chamarem, não me darão mais dinheiro. Ai, quando vocês me pedirem mercado-marem, nem eu nem vocês teremos nada!". Em vez de abrir roças e caçar para ele em compensação por meu casamento, eu lhe dava objetos de troca que com-prava na cidade.¹⁷ Naquela época, comprei muitas redes, panelas e ferramentas para ele e para meus cunhados! Também o presenteei com uma espingarda novinha. Mas nem ele nem os filhos eram exigentes. Contentavam-se com pouco. Trazia presentes para eles de cada viagem e eles nunca reclamavam de mim. Se eu tivesse voltado de mãos vazias, porém, suas palavras poderiam ter mudado! Meu sogro teria ficado irritado e com certeza teria dito: "Pare de viajar se não é capaz de voltar com mercadorias! Onde estão as lâminas de machado, os facões, facas, anzóis e linha de pesca dos brancos? Você acha mesmo que é bom ficar perambulando pelas cidades deles para nada? Dá dó você deixar seu sogro em estado de fantasma, sem tabaco!".

Contudo, passado algum tempo, minhas viagens começaram a rartear. Os brancos estavam começando a nos conhecer melhor. Tinham menos medo de nós. Tinham se dado conta de que na verdade eram os Yanomami que os temiam! Devem ter começado a pensar: "Achávamos que esses índios eram ferrosos, mas são eles que têm medo de nós! Não precisamos mais do Davi, podemos viajar sozinhos!". E foi isso mesmo que começaram a fazer. Então pude viver mais tranquilo com a gente do pai de minha esposa, os habitantes da Montanha do Vento, em *Watoriki*. Meu sogro tinha deixado o rio *Haranari* e havia já algum tempo, e queria se aproximar um pouco mais do posto, para eu



poder ir morar com ele de fato. Como os brancos me deixavam um pouco mais folgado, dessa vez trabalhei bastante na construção de sua nova casa.¹⁸

Passaram-se várias secas e várias chuvas sem que eu tivesse de viajar muito pela Funai. Amâncio tinha deixado Demini havia tempos e outros brancos de Boa Vista tinham vindo, um atrás do outro, para substituí-lo como chefe do posto.¹⁹ Eram todos gente de pensamento curto, que detestavam os habitantes da floresta. Passavam seu tempo com raiva e só faziam repetir que éramos ruins e preguiçosos. Na verdade, só pensavam em fugir para a cidade com qualquer desculpa. O primeiro deles era um garimpeiro que tinha sido expulso das terras altas no tempo da estrada.²⁰ Era trabalhador, mas não gostava de viver na floresta. Só estava interessado no dinheiro da Funai.²¹ E sentia falta da mulher. Pensava muito nela, ficava triste e sempre estava ansioso para ir ao encontro dela. Não permaneceu muito tempo no posto Demini. Depois dele, veio um outro homem que tinha dirigido a caminhonete de Amâncio anteriormente. Esse motorista também não queria morar na floresta. Ficava voltando para Boa Vista logo que

podia, e lá passava a maior parte do tempo. Durante os raros períodos que passava conosco, trabalhava muito pouco e não parava de me dar ordens. Além disso, se mostrava avarento para com a gente de *Watoriki*. Não lhes dava sequer a mandioca das roças do posto, que eles mesmos tinham plantado! Isso os deixava com muita raiva! De modo que ele também não durou muito no Demini!

O seguinte era um outro motorista de Amâncio. Esse nos detestava mesmo! Era também o mais preguiçoso de todos. Quase nunca saía da rede. Não fazia nada por si mesmo. Ocupava o tempo lançando gritos e injúrias contra nós. Ainda por cima, outros brancos me contaram mais tarde que ele tinha tuberculose! A gente de *Watoriki* logo se enojou dele. A mim, ele fazia trabalhar sem descanso e nunca estava satisfeito com nada que eu tivesse feito. Por mais que eu lhe obedecesse, ralhava comigo o tempo todo. Não gostava de mim e não parava de me maltratar sempre que podia. Queria que eu fosse seu cozinheiro, por exemplo, mas se recusava muitas vezes a comer o que eu preparava. Certa vez, fiz um caldo de jabuti e ofereci a ele. Ele ficou furioso, dizendo que era sujo e que um branco como ele jamais engoliria aquilo. Essas palavras me revoltaram, e gritei para ele: "A caça da floresta não é suja! Cozinhe você mesmo, ou encontre uma mulher que aceite preparar comida para você! Você só sabe ficar sentado ou dormindo! Não consegue nem se alimentar por conta própria! Se você trabalhasse, eu continuaria cozinhando. Mas você não passa de um preguiçoso. Nunca mais farei nada para você! Pare de enganar o pessoal da Funai fingindo que você trabalha aqui! Você mente só para ficar com o dinheiro deles! Acha que pode dar uma de chefe, mas você não é um grande homem. Não passa de um ignorante!". Tais palavras o encheram de raiva. Começou a me insultar e a me ameaçar: "Se você continuar, vou matá-lo!". Furioso eu também, retruquei: "Não tenho medo de você! Sou um Yanomami! Se você ficar alardeando que quer me matar, vou flechá-lo!". Daquela vez, chegamos bem perto de nos matar! Mas ele, surpreso diante da minha reação, acalmou-se, e eu acabei não precisando flechá-lo. Mais tarde, queixei-me dele ao delegado da Funai em Boa Vista. Era um homem que tinha amizade por nós.²² Escutou-me e convocou aquele chefe de posto ruim para falar com ele, também com severidade: "Você não faz nada! Só fica dormindo de barriga cheia e berçando o tempo todo contra os Yanomami! Não quero mais você no posto Demini!". Ele nunca mais voltou.

Veio outro homem em seu lugar, um gordo, que também era mau e mui-

to violento. Esse também não gostava de nós, e até parecia ter medo de nós! Desde que chegou, andava sempre com um revólver na cintura. Devia pensar que o pessoal de *Watoriki* iria atacá-lo e que poderia se defender com ele! E além disso gostava de mostrar para nossas filhas e mulheres aquelas imagens em que os brancos copulam mostrando seus pênis e vulvas. Isso me deixou com muita raiva. Disse a ele: "Pare de mostrar essas porcarias!". Então, ele também começou a me detestar. Proibiu-me inclusive de tocar nas provisões do posto. Isso me irritava porque não era certo, e protestei: "Não esconda sua comida assim! Devemos comer juntos. Faça parte do pessoal da Funai tanto quanto você!". Ele nem quis saber. Isso me chateou de novo, e além disso eu não gostava que ele carregasse uma arma entre nós. Então, eu disse a ele: "Se quiser viver conosco, esconda esse revólver! Aqui não é casa de soldados, você não precisa dele! Os Yanomami não gostam disso. Você não vai atrás de feiticeiros inimigos na floresta com essa arma, então guarde-a! Além disso, você não passa de um bovino! Se continuar assim, não vamos mais querer você aqui!". Ele então retrucou, rindo de mim: "Entendi! É você, Davi, o chefe de posto! Está me mandando embora da Funai, é isso?". Respondi: "Não, não sou nem chefe nem um homem mais velho. Mas apesar de ainda ser jovem, não vou aceitar o que você está fazendo aqui! Ninguém é agressivo com você. Ninguém o ameaçou! Você fica mostrando esse revólver a todos porque é contra nós! Seu medo é que é mentira! Você é que é violento e quer nos matar, não o contrário!"²³

Algum tempo depois dessa briga, o tal chefe de posto voltou de repente para Boa Vista. O delegado da Funai tinha se mudado e Amâncio tinha tomado o lugar dele.²⁴ Ordenou ao homem gordo que parasse de se comportar mal conosco. Ele tentou se defender, alegando que era falta de comida o que tinha provocado nossa briga. Acrescentou que só voltaria para a floresta com novas provisões. Amâncio as prometeu e mandou-o voltar sem demora para Demini. Apesar disso, o homem recusou. Ai Amâncio ficou contrariado mesmo, e o ameaçou: "Se você recusar, não vai mais ser chefe de posto!". E como ele continuava tendo amizade por mim, acrescentou: "Está certo: a partir de agora é o Davi quem vai substituí-lo!". Então aquele branco me detestou ainda mais. Como o que tinha sido mandado embora antes dele, ficou furioso com o fato de o delegado ter me dado razão! Ambos acabaram ficando na cidade, com a raiva deles guardada no peito. Nunca mais retornaram a *Watoriki* e eu conti-

nuno trabalhando lá até hoje! Certa vez, um presidente da Funai até tentou me mandar embora, mas mudou de ideia em seguida.²⁵ Fiquei firme no meu lugar e nunca mais houve chefes de posto brancos maus em Demini.

Quando comecei a trabalhar na estrada, ouvi pela primeira vez o pessoal da Funai falar em fechar nossa floresta. Chamavam isso de demarcação. Diziam-me às vezes: "Vamos cercar a terra dos Yanomami e defendê-la. Se garimpeiros, colonos ou fazendeiros invadirem a floresta, vamos mandá-los de volta para o lugar de onde vieram!"²⁶ Se caçadores vierem roubar peles de ariranha, jaguatirica ou onça, ou flechar tartarugas, vamos expulsá-los! Aqui é uma terra indígena. Depois da demarcação, eles nunca mais vão poder entrar!". Gostei muito dessas palavras. Disse a mim mesmo: "Isso é bom! Também eu quero que nossa floresta seja fechada, como dizem eles. Haverá uma barreira onde começa a terra dos brancos."²⁷ Vai impedir a entrada de quem não queremos e deixará passar quem nós convidamos. O caminho da floresta vai ser nosso!". Mais tarde entendi, porém, que aquelas palavras eram tortas e que o pessoal da Funai não dizia tudo o que pensava. Diziam que iam fechar nossa floresta, é verdade. Mas o que queriam mesmo, e isso nos esconderam, era dividi-la em pedacinhos para nos prender neles.²⁸

Apesar dessas mentiras, guardei em mim os dizeres da Funai sobre a demarcação de nossa terra e, pouco a pouco, eles foram fazendo seu caminho em meu pensamento. Viajando pela estrada, pude observar o rastro de destruição que os brancos deixavam atrás de si. Observava a floresta ferida e, no fundo de mim, pensava: "Por que as máquinas deles arrancaram todas essas árvores e essa terra, com tanto esforço? Para nos deixar esse caminho de cascalho abandonado de baixo do sol? Para que gastar seu dinheiro desse jeito, quando em suas cidades há tantas crianças dormindo no chão, como cachorros?". Ao longo de toda a estrada espalhavam-se enormes manchas de floresta incendiada pelos colonos e fazendeiros. O sol queimava e a terra tinha sido desnudada. Eu me dizia também: "Esses brancos são realmente inimigos da floresta! Não sabem comer o que vem dela. Só conseguem arrasá-la, como as saúvas *koyo*. E tudo isso para não cultivar nada! Só para semear capim, que abandonam assim que mirra e o gado começa a emagrecer!". Tempos depois, viajei de ônibus de Boa Vista até Manaus, por outra estrada, a que atravessa a terra dos Waimiri-

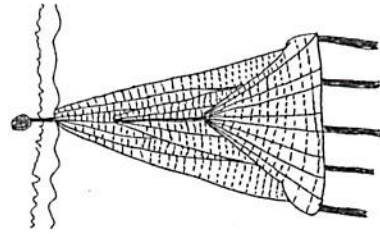
-Atoari. Pensei mais uma vez naqueles habitantes da floresta, que foram muito corajosos, negando-se a ceder o território de seus antepassados. Mesmo assim, no final a estrada acabou atravessando a terra deles e os brancos, de raiva, fizeram-nos morrer quase todos.²⁹ A floresta deles foi picotada por todos os lados. Esses pensamentos me deixavam triste. Dizia a mim mesmo: "Os brancos não possuem sabedoria nenhuma. Dizem que o Brasil é muito grande. Então, por que ficam vindo de todas as partes para ocupar nossa floresta e devastá-la? Cada um deles não tem sua própria terra, onde sua mãe o fez nascer?". Pensava também, com tristeza, em nossos antigos, que desde a infância eu tinha visto serem devorados um a um pelas epidemias, e em todos os nossos que não tinham parado de morrer desde a abertura da estrada.

Naquela época, outros brancos também tinham começado a falar em defender nossa floresta. Não eram gente do governo. Chamavam-se CCPY.³⁰ Vinhos de longe, eles trabalhavam sozinhos, no canto deles. No começo, ainda não tínhamos amizade e não falavam comigo. Só nos olhávamos de longe, desconfiados. Eu trabalhava em Demini com a Funai e eles deviam pensar que eu me opunha a eles. Eu não tinha nada contra eles, mas o chefe de posto do Demini, Amâncio, não gostava deles e vivia dizendo coisas ruins a seu respeito. Não queria que eu fosse visitá-los. Repetia muitas vezes: "Não vá escutar essa gente! Eles são estrangeiros. Desconfie deles! Querem roubar sua floresta. É por isso que fingem defendê-la!"³¹ No começo, o pessoal da CCPY só tinha falado de seus projetos aos habitantes do rio Catrimani, onde tinham começado seu trabalho. Mostraram a eles mapas em que tinham desenhado a imagem de nossa terra. Mas os Yanomami daquela região ainda não entendiam bem as coisas de branco. Devem ter se perguntado o que eram aquelas grandes peles de papel que aquela gente agitava diante deles falando em fechar a floresta!

Só fui conversar com o pessoal da CCPY muito tempo mais tarde, depois de Amâncio ter deixado o posto Demini. Às vezes eu cruzava com um deles, Carlo, que morava em Boa Vista, porque a casa deles não era muito longe da Funai. Ele sempre se mostrava amigável. Então, por fim, resolvi lhes fazer uma visita, para escutar suas verdadeiras palavras.³² Primeiro, eu disse a eles: "Vocês querem proteger nossa floresta sem falar comigo? O que têm a me dizer a respeito disso? Não quero que meu pensamento fique no esquecimento!". Eles me responderam: "Daví, você tem de defender a sua floresta, porque se não o fizer você mesmo, cada vez mais brancos virão trabalhar aqui e muitos dos seus

ainda vão morrer!". Isso me espantou. O pessoal da Funai de fato já tinha falado comigo em fechar nossa floresta. Mas nunca me disseram que eu mesmo deveria lutar por isso! Então, compreendi que essas novas palavras eram direitas. Expliquei a eles meu próprio pensamento: "Seus dizeres são sensatos. É verdade. Mas se vocês sozinhos falarem em proteger nossa floresta, os outros brancos não vão lhes dar ouvidos. Vão chamá-los de mentirosos. E se os Yanomami não puderem escutá-los na língua deles, permanecerão surdos também!". Foi depois dessa conversa que o pessoal da CCPY começou a me ajudar a viajar até as cidades para defender nossa terra.³³

Naquela época, bandos de garimpeiros estavam começando a invadir os rios Uruicaá e Apiaú.³⁴ Então, tive de deixar novamente minha casa em *Watoriki*. Agora, porém, não se tratava mais de ir ajudar o pessoal da Funai. Comecei a viajar para contar a todos os brancos de longe como os garimpeiros transformavam nossos rios em lodçais e sujavam a floresta com fumaças de epidemia. Nessas viagens, ouvi pela primeira vez outros índios defendendo suas terras com palavras firmes. Ao escutá-los, compreendi que não podia ficar mudo esperando que outros lutassem em meu lugar para proteger os meus. Meu pensamento ganhou firmeza e minhas palavras aumentaram. Resolvi falar como eles. De modo que foi ao ouvi-los que realmente aprendi a defender minha floresta. Os brancos que tinham se tornado meus amigos me incentivaram a falar, é verdade. Mas nunca me ensinaram como fazê-lo! Entre nós, são os grandes homens que, com seus discursos *hereamuu*, nos inculcam desde a infância o modo de proferir palavras direitas e sábias. Porém, não foram nem meus parentes nem os brancos que me ensinaram a falar para proteger a floresta. Eu me virei sozinho, apesar de no começo não ter a menor ideia de como fazer isso.



Mas antes de os garimpeiros chegarem em grande número à nossa floresta e antes de eu começar a falar para os brancos, eu tinha me tornado xamã. Minhas viagens pela Funai tinham diminuído. Meu pensamento tinha recuperado a calma. Eu tinha pedido a meu sogro que me fizesse beber o pó de *yákoana*. Ele tinha aberto os caminhos dos *xapiri* para mim e tinha dito a eles para construírem para mim uma casa de espíritos no peito do céu. Eles então tinham começado a vir se instalar nela, em número cada vez maior, e assim eu tinha me tornado um xamã mais experiente. Isso foi depois do nascimento de meu primeiro filho. Eu tinha ficado mais firme e mais esperto.³⁵ Eu já tinha dado atenção às palavras sobre nossa terra que ouvira da boca do pessoal da Funai e depois da CCPY. Elas tinham começado a fazer seu caminho em mim. Para dizer a verdade, não deixavam mais o meu pensamento. Tornado fantasma, no tempo do sonho ou sob efeito da *yákoana*, eu costumava ver os brancos retalhando nossa terra, como fazem com a deles. Isso me deixava muito aflito e logo a imagem de *Omama* chegava a mim. Eu me dizia então: "Mas o que os brancos querem? Por que maltratam tanto a floresta? Não era essa a vontade de *Omama*, que a criou! Se, depois de tê-los criado, eles os mandou viver tão longe, era mesmo para que não devastassem nossa floresta! Não podemos aceitar que voltem para desenhá-la e recortá-la desse modo! Talvez seja essa a vontade dos grandes homens deles. Mas, se cedermos, morreremos todos!". Com nossas palavras, dizemos que os antigos brancos desenharam sua terra para retalhá-la. Primeiro cobriram-na de traços entrecruzados, formando recortes, e, no meio deles, pintaram manchas redondas.³⁶ É assim que os xamãs podem vê-la. Esse traçado de linhas e pontos, como manchas de onça, parece deixá-la muito mais bonita. Porém, esses desenhos são em seguida colados num livro e aqueles que querem plantar sua comida nesses pedaços têm de devolver seu valor. Assim, os brancos alegam que esses desenhos de terra têm um preço, e é por isso que os trocam por dinheiro.

Omama não quis, no entanto, que o mesmo ocorresse com nossa floresta. Disse aos ancestrais dos brancos, quando os criou: "A terra das gentes da floresta não será desenhada. Permanecerá inteira. De outro modo, eles não poderão mais abrir nela suas roças ou caçar como quiserem e acabarão todos morrendo. Vocês podem dividir a terra que dei a vocês, mas fiquem longe da deles!". Apesar dessas antigas palavras, o pensamento dos brancos permanece cheio de esquecimento. Eles não sabem sonhar e não sabem como fazer dançar as ima-

gens de seus antepassados. Se as escutassem, elas os impediriam de invadir nossa terra. Seus chefes, ao contrário, não param de dizer: "Somos poderosos! Somos donos de toda a floresta. Que morram seus habitantes! Estão morando nela à toa, num solo que nos pertence!". Esses brancos só pensam em cobrir a terra com seus desenhos, para fátia-la e acabar nos dando apenas uns poucos pedaços, cercados por seus garimpos e plantações. Depois disso, satisfeitos, vão declarar: "Eis a sua terra. Fiquem satisfeitos, nós a estamos dando a vocês!".

Nossa floresta está sempre bela e fresca, mesmo quando a chuva rareia. O poder de sua fertilidade *nē rope* mantém suas árvores vivas. Ela está situada no centro do antigo céu *Hutukarra*, onde está enterrado o metal de *Omanna*, nas nascentes dos rios. Para além de seus limites, no território dos brancos à nossa volta, há somente terras feridas, de onde vêm todas as fumaças de epidemia.³⁷ Viajei bastante de avião por cima da floresta e em suas beiras só vi árvores mortas, de que o fogo matou até as sementes, escondidas no chão. Vi a terra dos brancos se estendendo ao longe, retalhada por todos os lados e coberta de capim ralo. Não há mais nenhuma folhagem e o solo desses lugares logo vai ser só areia. Mas os brancos não querem ouvir nossas palavras. Só pensam em tornar nossa terra tão nua e ardente quanto o descampado em volta de sua cidade de Boa Vista. Esse é o único pensamento deles quando olham para a floresta. Devem achar que nada pode acabar com ela. Estão enganados. Ela não é tão grande quanto lhes parece. Aos olhos dos *xapiri*, que voam além das costas do céu, ela parece estreita e coberta de cicatrizes. Traz nas bordas as marcas de queimadas dos colonos e dos fazendeiros e, no centro, as manchas da lama dos garimpeiros. Todos a devastam com avidez, como se quisessem devorá-la. Os *xamãs* estão vendo que ela sofre e que está doente. Tanta destruição nos deixa muito preocupados. Tememos que a floresta acabe revertendo ao caos e anulando os humanos, como ocorreu no primeiro tempo.³⁸ Nossos espíritos *xapiri* ficam muito apreensivos ao observar a terra machucada e tornada fantasma. Retornam de seus voos ao longe chorando suas feridas em seus cantos. Ouvi muitas vezes suas vozes lamentarem, enquanto eles levavam minha imagem às lonjuras para me mostrar a devastação.

Meu sogro não viajou tão longe quanto eu na terra dos brancos. No entanto, é um *xamã* antigo e seus espíritos já conhecem todas essas coisas. Quando

conto a ele minhas viagens, declara apenas: "Você diz palavras verdadeiras! O pensamento dos brancos é cheio de ignorância. Eles não param de devastar a terra em que vivem e de transformar as águas que bebem em lodaçal!". Foi ele quem me deu sabedoria, me propiciando contemplar o que os *xapiri* veem. Costumava me chamar e dizer: "Venha cá! Você alargou seu pensamento. Você não deve envelhecer sem se tornar um verdadeiro homem espírito. Senão, já não mais poderá ver a imagem da floresta com os olhos dos *xapiri*!".³⁹ Então, eu me agachava e bebia *yákoana* com ele durante um longo tempo. Aos poucos, meus olhos morriam sob a potência de seu pó. Era assim que, depois de eu ter virado fantasma, os espíritos de meu sogro me carregavam até o peito do céu. Voavam em alta velocidade com minha imagem e meu sopro vital. Minha pele permanecia no chão da casa, enquanto meu interior atravessava as alturas. Então, de repente, eu era capaz de ver do mesmo modo que os *xapiri* e, assim, tudo se esclarecia. Eu via, de um lado, a beleza de nossa floresta e, do outro, a terra dos brancos, devastada e coberta de desenhos e recortes, como uma velha pele de papel rasgada. Na escuridão, *Titiri*, o espírito da noite, fazia cintilar as cicatrizes como fâcos de luz dispersos. Conseguia ver até as montanhas, bem longe, recortadas no primeiro tempo pelos ancestrais dos brancos, para edificar suas casas de pedra.⁴⁰ Os espíritos de *Omanna*⁴¹ e os espíritos do céu contemplavam a terra como uma vastidão de imagem e me diziam: "A floresta só não parece ter fim aos olhos de fantasma dos humanos. De onde a vemos, porém, não passa de uma manchinha na terra. Fiquem atentos, os brancos ameaçam acabar com ela depressa! Vão derrubar todas as suas árvores e, uma vez desnudada, será deles!".

Com meu sogro, eu fazia também dançar os espíritos dos antigos brancos, os *nappënapëri*, que nos mostravam a imagem das peles de papel com as quais os de hoje pretendem dividir nossa terra.⁴² As imagens dos *nappënapëri* e as de *Omanna* caminham juntas. São do mesmo tipo, pois foi *Omanna* que criou esses ancestrais dos brancos. Na língua de fantasma deles, os espíritos nos diziam: "Retornamos de terras longínquas que os brancos desenharam e desmataram. Fiquem atentos! Sua floresta já está coberta por esses mesmos desenhos. Eles querem se apoderar dela. Já estão bem perto e vão comendo suas beiradas sem tréguia. Se continuarem avançando, ela vai acabar retornando ao caos e vocês vão morrer com ela. Defendam sua terra, cercando-a com nossas estacas de metal. Assim, os que querem destruí-la não poderão entrar!". Os *nappënapëri*

também nos falavam dos lugares onde os brancos fabricam suas máquinas e motores, em terras de águas sujas, cheias de barulho e enevoadas de fumaças de epidemia.

O espírito zangão *Remori*, que, no primeiro tempo, deu a esses forasteiros sua língua emaranhada, também dançava para nós. Quando voltava de outras áreas devastadas, avisava: "A jusante, a floresta está muito doente, os brancos não param de maltratá-la! Virou outra e muitos deles lá morrem de fome ou são devorados pelos incontáveis seres maléficos que ali moram!". Outras vezes, eram as imagens dos animais dos antigos brancos, bois e cavalos, que desciam a nós e nos davam a ouvir suas palavras afiladas sobre as terras áridas e as queimadas das grandes fazendas na beira das estradas. É desse modo que os *xapiri* contam a seus pais tudo o que viram, venham eles de terras ressecadas e sem árvores, de imensos lagos agitados por constantes tempestades ou do grande vazio para além do céu. Os habitantes de nossas casas, que nada sabem desses lugares, podem então escutar suas palavras através do canto dos xamãs e, assim, conhecê-los por sua vez. O mesmo acontece quando os xamãs fazem ouvir a voz dos ancestrais animais do primeiro tempo. Seus fantasmas estão hoje muito longe de nossa floresta. Mas os *xapiri* são capazes de descer até eles. É por isso que também nos trazem as palavras de suas imagens.⁴³

Foi assim que, com os espíritos, compreendi que a floresta não é infinita como eu pensava antes. Vi as marcas calcinadas e os recortes que a cercam de todos os lados. Agora sei que se os brancos continuarem avançando, vão fazê-la desaparecer bem depressa. Já estão dizendo que ela é grande demais para nós. É mentira, claro. Ela não é tão vasta como se pensa e logo será a única floresta ainda viva. Se nada soubéssemos dos *xapiri*, do mesmo modo nada conheceríamos da floresta, e seríamos tão desmemoriados quanto os brancos. Não pensaríamos em defendê-la. Os espíritos recebem que os brancos devastem todas as suas árvores e seus rios. São eles que dão suas palavras aos xamãs. Permanecem sempre ao nosso lado, e são os primeiros a combater para salvarguardar nossa terra. Os espíritos *napënapëri* fixaram lâminas de ferro em todo o seu contorno, para que os garimpeiros, colonos e fazendeiros não se aproximem de nossas casas. Os espíritos de *Omama* plantaram em seu centro a imagem de uma barra de metal cercada de vendavais que derrubam os aviões e helicópteros dos garimpeiros na floresta. É graças a esses *xapiri* que ela ainda não está toda invadida. Mas meu sogro e eu não fazíamos dançar apenas a

imagem dos ancestrais *napënapëri* e a de *Omama* para manter os brancos à distância. Quando me via voltar da cidade muito preocupado, também me chamava para beber *yákoana* para obscurecer o espírito dos políticos que querem retalhar nossa terra. Então fazíamos descer juntos os espíritos da vertigem *môeri*, para confundir seus olhos e emaranhar os desenhos de suas peles de papel. Assim era. Meu sogro é um grande xamã dono de incontáveis *xapiri* e foi ele quem me ensinou a fazê-los dançar para defender a floresta.

Eu não detenho toda a sabedoria dos nossos antigos. No entanto, desde criança, sempre quis entender as coisas. Depois, uma vez adulto, foram as palavras dos espíritos que me fizeram mais inteligente e sustentaram meu pensamento. Agora sei que nossos ancestrais moraram nesta floresta desde o primeiro tempo e que a deixaram para nós para vivermos nela também. Eles nunca a maltrataram. Suas árvores são belas e sua terra é fértil. O vento e a chuva conservam seu frescor. Nós comemos seus animais, seus peixes, os frutos de suas árvores e seu mel. Bebemos a água de seus rios. Sua umidade faz crescer as bananeiras, a mandioca, a cana-de-açúcar e tudo o que plantamos em nossas roças. Viajamos por ela para comparecer às festas *reahu* a que somos convidados. Nela fazemos nossas expedições de caça e coleta.⁴⁴ Os espíritos nela vivem e circulam por toda parte à nossa volta. *Omama* criou esta terra e aqui nos deu a existência. Pôs no seu chão as montanhas, para mantê-la no lugar, e fez delas as casas dos *xapiri*, que deixou para que cuidassem de nós. É nossa terra e essas são palavras verdadeiras.

Ver os brancos rasgarem a floresta com suas máquinas e a sujarem com suas fumaças de epidemia me deixou furioso. Antigamente, eles moravam muito longe de nós, pensando que para além deles só havia um grande vazio. Não é verdade. No primeiro tempo, *Omama* só os manteve afastados de nossa floresta para que não pudessem se aproximar dela. Avisou os ancestrais deles: "Esta é a minha terra. Vocês, gente de *Teosi*, que não têm nenhuma sabedoria, irão viver noutra lugar, bem longe dela, para não devastá-la. Só meus filhos permanecerão aqui, pois têm amizade por ela!". É por isso que os brancos tiveram tanta dificuldade para chegar até nós, mesmo com seus barcos a motor e depois seus aviões. Nossos rios são cortados por inúmeras cachoeiras e nossa floresta é coberta de morros e serras que se interpõem no caminho deles. Que-

remos continuar vivendo nela sozinhos, com a mente calma, como nossos antepassados antigamente. Não queremos mais morrer antes de envelhecer. Não queremos mais que nossos filhos e nossas mulheres chorem de fome. Quando nos misturamos com os brancos, tudo começa a dar errado. Eles nos prometem mercadorias, quando só pensam em roubar nossa terra. Disparam suas espingardas contra nós quando ficam bravos. Começam a pegar nossas mulheres. Ficamos doentes o tempo todo e não podemos mais caçar nem cultivar nossas roças. No final, morreremos quase todos de suas epidemias *xawwra*.

Os espíritos de nossos xamãs antigos, que têm amizade pela floresta, não nos permitem deixar seus inimigos se instalarem nela — garimpeiros, fazendeiros e madeiros. Essa gente só sabe desmatá-la e sujá-la. Querem nos eliminar, para construir cidades no lugar de nossas casas abandonadas. Isso, porém, não nos entristece, pois os *xapiri* estão sempre ao nosso lado para nos dar coragem: “Muitos de vocês morreram, mas se defendem sua floresta, voltarão a ser muitos! Suas mulheres ainda vão lhes dar muitos filhos! Seus maiores se foram, mas as palavras de *Omanna* ainda estão em vocês, sempre igualmente novas. Vocês têm sabedoria e, enquanto estiverem vivos, jamais cederão sua terra!”. Desde o tempo da estrada, penso muitas vezes em todas essas coisas a respeito de nossa floresta. Tudo isso faz crescer cada vez mais em mim palavras para recusar a abertura de nossa terra para os brancos. Quero que meus filhos, seus filhos e os filhos de seus filhos possam nela viver em paz, como nossos antigos antes de nós. Esse é todo o meu pensamento e meu trabalho. Sou xamã e vejo todas essas coisas bebendo *yákoana* e no meu sonho. Meus espíritos *xapiri* nunca ficam quietos. Viajam sem descanso para terras distantes, para além do céu e do mundo debaixo da terra. Voltam de lá para me dar suas palavras e me avisar sobre o que viram. É através de suas palavras que sou capaz de compreender todas as coisas da floresta.

Os xamãs, como eu disse, não dormem como os demais homens. De dia, bebem o pó de *yákoana* e fazem dançar seus espíritos diante de todos. À noite, porém, os *xapiri* continuam dando-lhes a ouvir seus cantos no tempo do sonho. Saciados de *yákoana*, não param nunca de se deslocar e seus pais, em estado de fantasia, viajam por intermédio deles. É desse modo que os xamãs conseguem sonhar com as terras devastadas que cercam a nossa floresta e com a ebulição das fumaças de epidemia que surgem delas. Só os *xapiri* nos tornam realmente sabidos, porque quando dançam para nós suas imagens ampliam

nosso pensamento. De modo que se eu não tivesse me tornado xamã, jamais saberia como fazer para defender a floresta. Gente comum não pensa nessas coisas. Quando vê chegar garimpeiros ou outros brancos, seu espírito permanece vazio. Contenta-se então em sorrir, pedindo comida ou mercadorias. Não se pergunta: “O que devo pensar desses brancos? O que eles vêm fazer na floresta? Serão perigosos? Devo defender minha terra e expulsá-los?”. Não, seu pensamento fica plantado em seus pés, sem poder avançar. Só consegue dizer a si mesma: “Para que se preocupar? A floresta é muito grande e não pode ser destruída. Vou é tentar conseguir roupas e cartuchos!”. Quando o pensamento dos nossos fica assim confuso, é como uma trilha ruim na floresta. A gente segue por ela com dificuldade no meio da vegetação emaranhada e sombria, tropeçando, e acaba por cair num buraco ou num igarapé, tem os olhos furados por espinhos ou é mordido por uma cobra. Eu, ao contrário, quis tomar um caminho livre, cuja clareza se abre ao longe diante de mim. Esse caminho é o de nossas palavras para defender a floresta.